

ARTE

Fortaleza • CE 3º ed. Julho/2018 • Trimestral

ALDEMIR MARTINS

PINTURA
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
GRAVURA
TÉCNICAS MISTAS
OBRAS ARQUITETÔNICAS



ISSN 2525387-5



02018



9 772525 387003



Amanhã
SE FAZ AGORA.

O Grupo Marquise trabalha sempre pensando no desenvolvimento do Brasil. A Estação de Gás Natural Renovável de Fortaleza, a primeira do Norte/Nordeste e a maior do país, é a prova dessa transformação. Traz sustentabilidade, inovação e contribui positivamente para o avanço das energias renováveis e para as próximas gerações, construindo o futuro agora.



GRUPO
MARQUISE

O amanhã se faz agora.

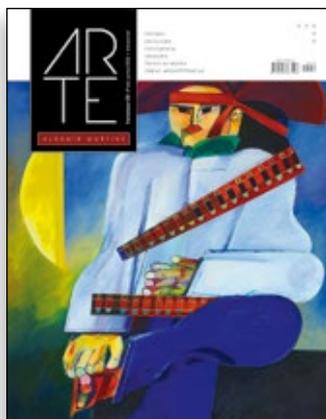


**VANDO
FIGUEIREDO**
ARTISTA PLÁSTICO

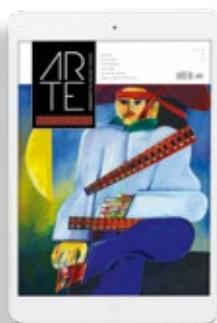
PARA TUDO MAIS QUE É A VIDA

Às 18 horas de uma tarde de fevereiro, já este ano, estávamos eu, Junior Gomes, Lilia Quinderé e Ignês Fiúza pensando em voz alta sobre as três edições da Revista Arte planejadas para 2018. Esta edição que chega a suas mãos traz na capa o mestre Aldemir Martins, ele que nos deixou um legado artístico que guarda fortes relações com as raízes do Nordeste. O menino que começou pedreiro nos deu conta de um mundo de cores e traços que encantam o olhar. Pensamos assim: o artista se faz eterno toda vez que é contemplado por olhares diversos, dos menos calejados aos mais experientes. Não menos diferente é a pauta desta terceira edição. Cada artista nos convida, de forma direta ou sugerida, a refazer o percurso, alterar nossa interpretação do mundo, nos abrindo às novas experiências no trato com a vida. Naquele final de tarde nos flagramos tentando, mais uma vez, alargar a terceira margem do rio para que todos proveem do sabor de beber da arte.

Boa leitura!



**Capa: Cangaceiro
de Aldemir Martins (1972)**
60 x 40 cm



**Disponível também
em versão online**



issuu.com/revistaarte

Revista Arte é uma publicação trimestral da BK Editora com curadoria de Vando Figueiredo / Fale com a redação: 85 3261.5066

ISSN 2525387-5

B/k
editora

bookmaker@bookmaker.com.br

EDITOR
Júnior Gomes

CURADORIA
Vando Figueiredo

CONSULTORIA DE ARTE
Ignês Fiúza

EXECUTIVA COMERCIAL
Lilia Quinderé

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS
Mirtila Facó - MTb 2803/CE
Fátima Porto - MTb 1690/PE

DIRETOR DE ARTE
Cláudio Queiroz

EDIÇÃO DE IMAGENS
Carlos Rios

FOTO CAPA
Chico Gadelha

REVISÃO
Fátima Porto
e Juliana Gomes

IMPRESSÃO
Unigráfica

OBRAS ARQUITETÔNICAS
TÉCNICAS MISTAS
GRAVURA
FOTOGRAFIA
ESCULTURA
PINTURA

FFR

#7

**GENTIL
BARREIRA**
REVELAÇÕES
NO OLHAR



#32

**RODRIGO
PORTO**
ALQUIMIA:
ARQUITETURA,
URBANISMO E
EXPOGRAFIA



#22

EDUARDO ELOY
O ARTISTA EM
TRANSFORMAÇÃO



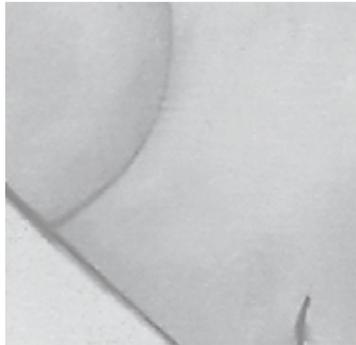
#12

**RAIMUNDO
FAGNER**
TRANSITANDO
ENTRE DIVERSAS
ARTES



#36

**GALERIA
SOLIDÁRIA**
ARTE E TRABALHO
SOCIAL



#26

**ALDEMIR
MARTINS**
BRASILIDADE
À FLOR DA PELE



#17

MARIOLA
CONEXÃO HOMEM
E NATUREZA





#51

LEONILSON
OBRA
CONTEMPORÂNEA
E AUTOBIOGRÁFICA



#41

AQUARELISTAS
TRANSPARÊNCIA
E SUTILEZAS EM
TRAÇOS E CORES



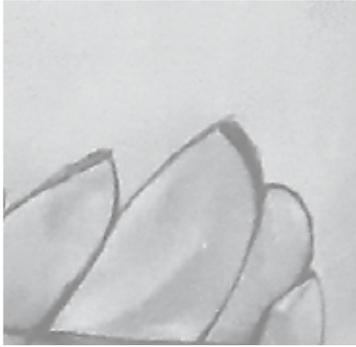
#62

LIA SANDERS
DEVANEIO
CRIATIVO



#54

**ABRAHAM
PALATNIK**
CINETICAMENTE



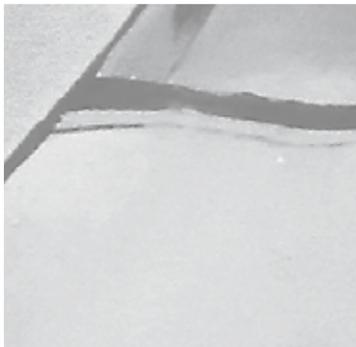
#69

ISAAC FURTADO
BELEZA IMORTAL
E FELICIDADE
COMPARTILHADA



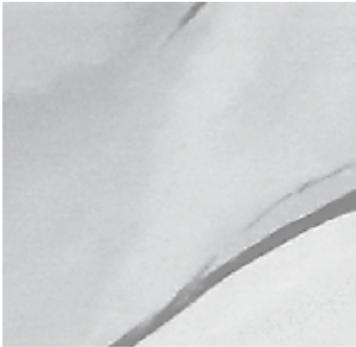
#47

JOSÉ GUEDES
A ARTE COMO
DESTINO



#66

EDUARDO KOBRA
UMA HISTÓRIA
DE SUCESSO



#58

SP-ARTE
PANORAMA
DA ARQUITETURA,
DESIGN,
PERFORMANCE
E ARTE



#74

**JOSÉ CARLOS
PONTES**
EDITORIAL



Você mais

Mais arte e cultura
para a sua vida.

Del Paseo



Bazar de Antiquidades

Todo sábado, das 10h às 22h.

Piso L3.



Baixe nosso aplicativo



B GENTIL BARREIRA

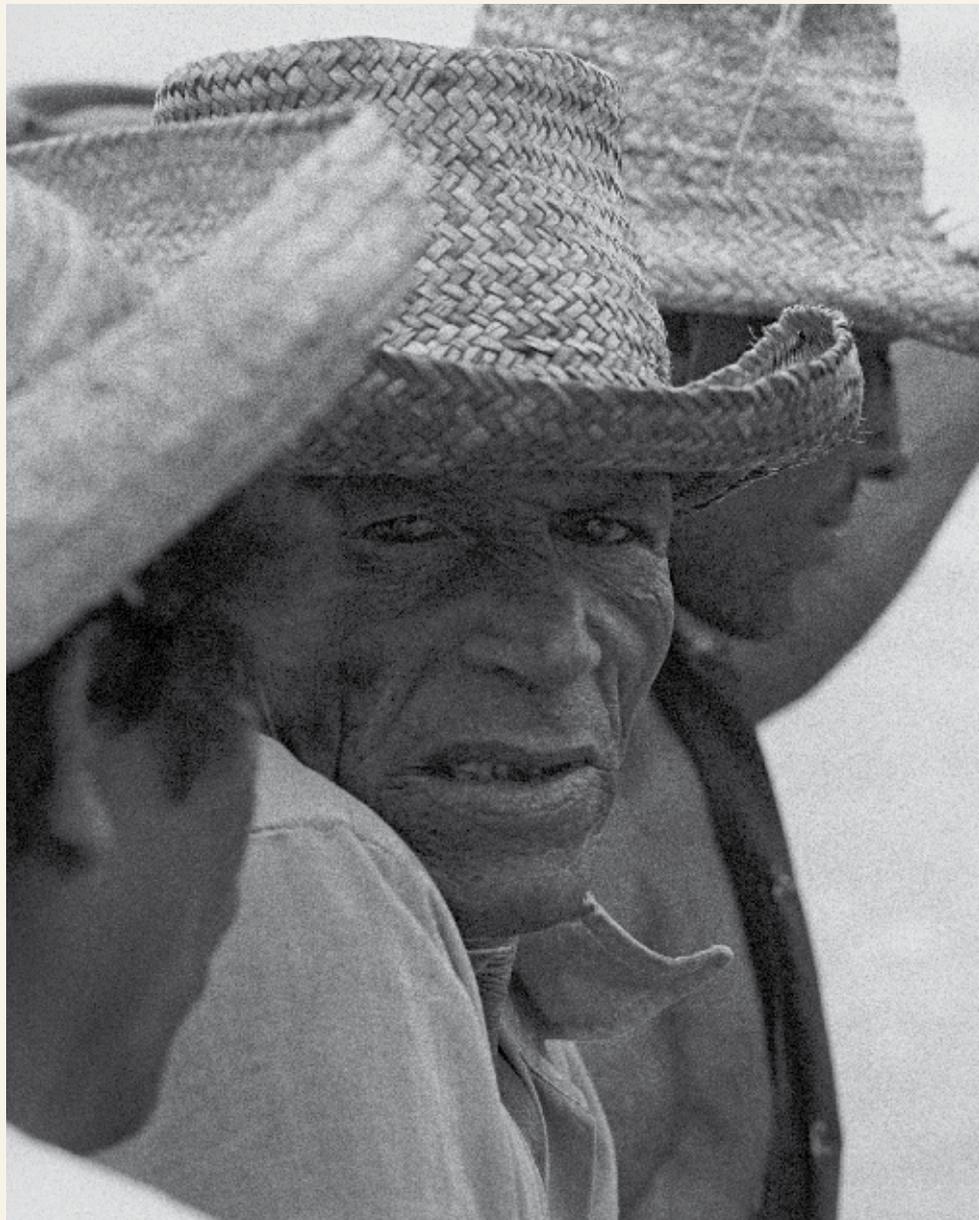
REVELAÇÕES NO OLHAR

Natural de Fortaleza, Gentil Barreira, ainda na infância, dava os primeiros sinais no sentido de mostrar que, no futuro, seu nome estaria diretamente ligado ao mundo da arte. Com apenas 11 anos de idade montou um pequeno laboratório para revelar seus filmes. “Sempre tive o costume de observar meu pai nos fotografando. e, ao perguntar a um colega de colégio onde ele copiava as fotografias, o mesmo me disse que revelava e copiava seus filmes. A partir dessa descoberta resolvi que eu também poderia fazê-lo”, relembra.

“

COM APENAS 11 ANOS DE IDADE MONTOU UM PEQUENO LABORATÓRIO PARA REVELAR SEUS FILMES

”



ALMOFALA 1979

Nessa época, o então garoto se dividia entre passeios de bicicleta com os amigos, viagens de férias pelo sertão com o avô e a leitura de diversos livros sobre arte e seus grandes nomes. Com o passar dos anos, Gentil percebeu que a fotografia era, de fato, sua grande paixão. “Quando resolvi me profissionalizar, iniciei como fotógrafo de arquitetura. Aliava meus conhecimentos do curso de arquitetura com a fotografia”, conta. Os segmentos de publicidade, moda e retratos, também muito presentes em seu trabalho, foram consequência das habilidades e afinidades desenvolvidas.



ALMOFALA 1979



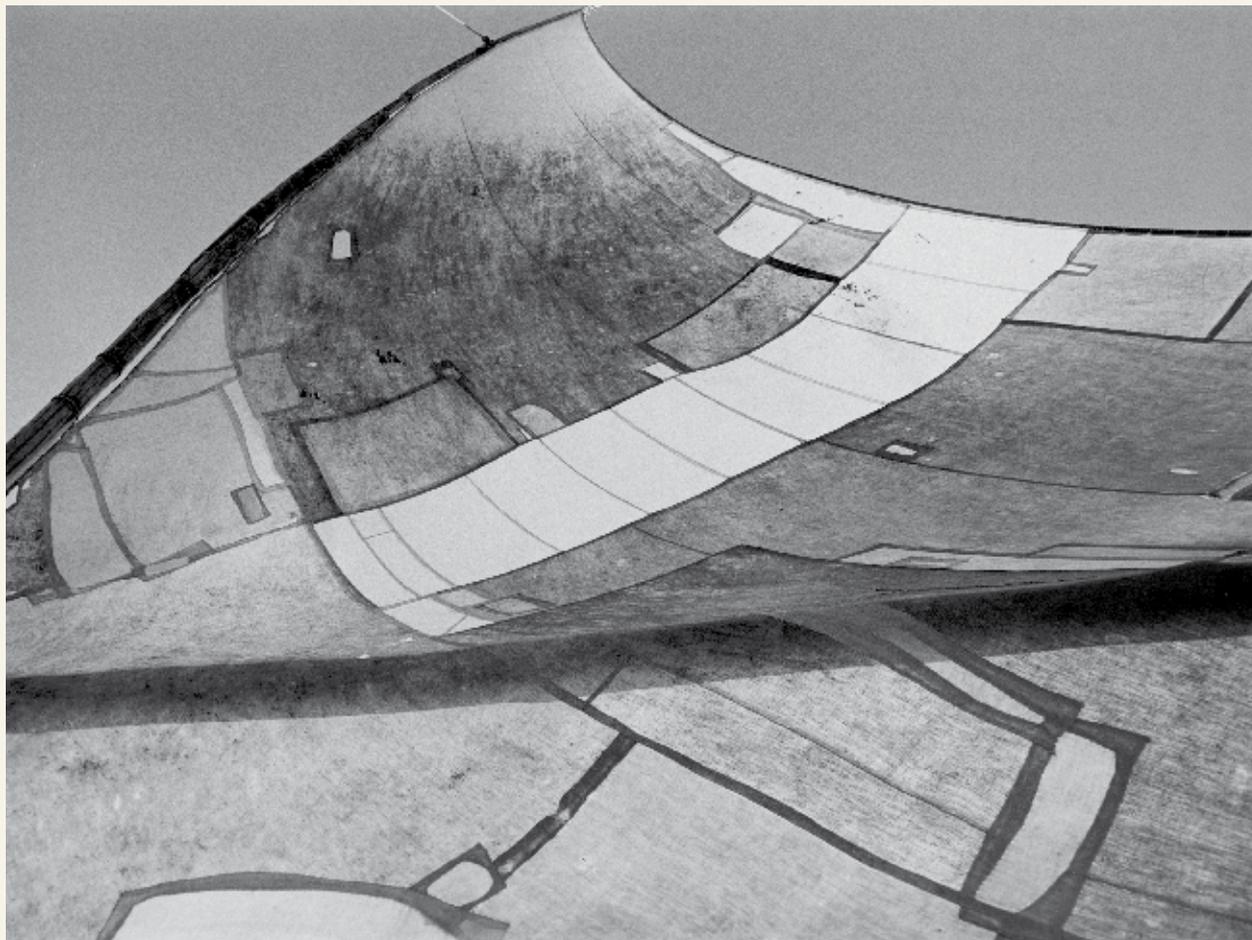
TAMBORIL 2012

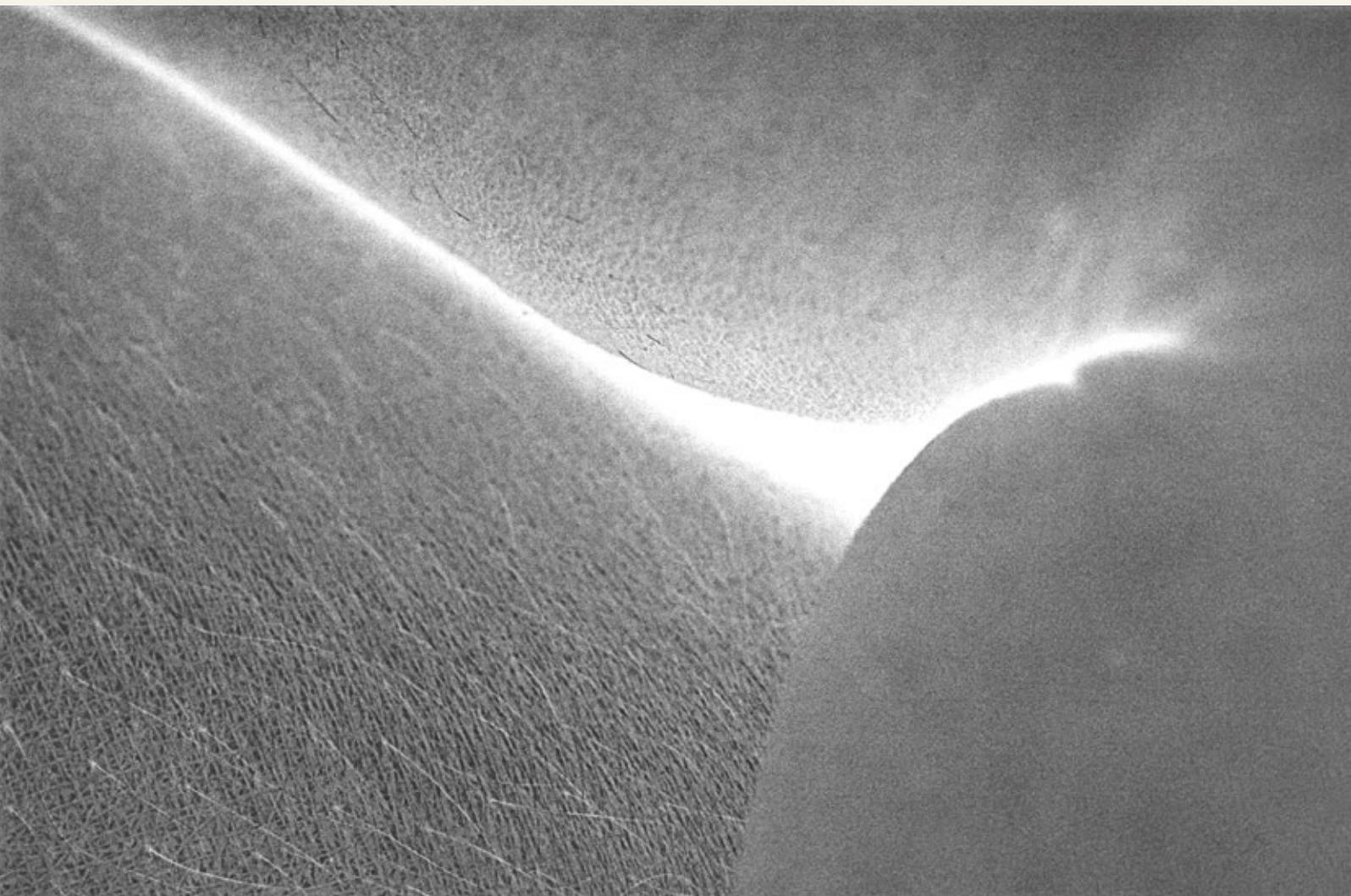
O primeiro trabalho fotográfico de destaque data de 1979. Na ocasião, Gentil levou algumas fotografias para serem inscritas no Salão de Abril, no entanto, o regulamento não contemplava a categoria Fotografia. “Depois de pesquisar e insistir bastante, tive meu trabalho inscrito e aceito na mostra em outras técnicas. A partir de então, a fotografia ganhou espaço no Salão, tendo uma obra minha recebido o prêmio máximo da mostra anos depois”, orgulha-se. Nos três últimos anos, o artista percorreu o sertão cearense, registrando todo o ciclo de transformação da natureza árida da caatinga. Toda essa viagem é fortemente influenciada pelas lembranças do próprio Gentil, que, corriqueiramente,

“
BARREIRA JÁ REALIZOU
INÚMERAS EXPOSIÇÕES,
INDIVIDUAIS E COLETIVAS,
NO BRASIL E NO EXTERIOR
”

passava férias na fazenda dos avós e observava atentamente os contrastes e encantamentos dessas paisagens. E foi a partir dessa rica experiência que surgiu o Projeto Coração Sertão, que em 2015 foi transformado em livro. “As imagens seguem o tempo da contemplação, e a fotografia concilia visagens e lembranças”, explica. Barreira já realizou inúmeras exposições, individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. Segundo ressalta, uma exposição, em particular, o emocionou bastante: “Estive em Braga, Portugal, para expor Coração Sertão. Pesquisando sobre a cidade, descobri que meu antepassado português havia saído dos arredores dessa cidade para se estabelecer e constituir família no sertão de Quixadá. Era uma volta às minhas origens quase trezentos anos depois. Muito me tocou esse retorno à terra-mãe”, emociona-se. Com relação aos projetos atuais no cenário da arte, Gentil afirma que, há anos, desenvolve pesquisas no campo da imagem fotográfica

PRAIA DO PECÉM 1978





SALÃO DE ABRIL 1999

em sua característica particular de congelar momentos invisíveis ao olho do espectador. “A experiência aponta caminhos inesgotáveis da criação. Atualmente, também desenho joias”, assevera. Foi testemunha da verdadeira mutação do vermelho da terra nua, de árvores, da seca, dos lamentos dos vivos na transformação que se iniciava. Imagens que ficaram gravadas na memória e que, por anos a fio, me remetiam a essa terra de seres impossíveis de traduzir. Só vivendo.

E essa fibra, essa teimosia, essa coragem de superar dificuldades me contaminaram. O pouco que sei e vivi, mas o muito que senti, me fizeram pensar em compartilhar a luz que habita em mim desde aquela primeira chuva de inverno.

Trechos do livro *Coração Sertão*

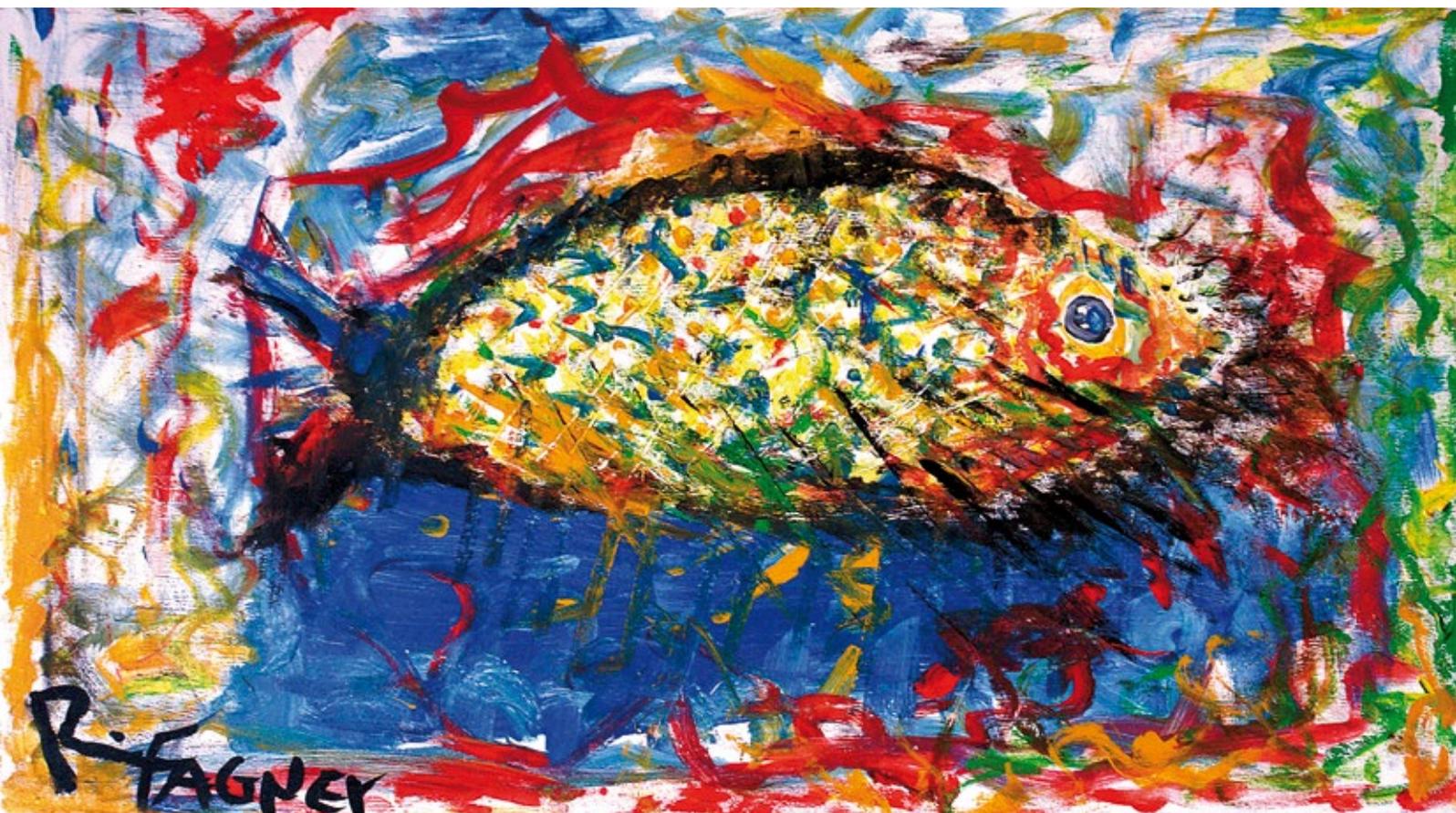
RAIMUNDO FAGNER

TRANSITANDO
ENTRE DIVERSAS
ARTES



talento de um artista vai muito além das múltiplas habilidades que ele possui. Na realidade, ser talentoso é ter, acima de tudo, a humildade e a consciência de não permitir se envaidecer por rótulos. Raimundo Fagner é um desses artistas que melhor nos permitem essas constatações. Cantor, compositor, produtor e articulador de projetos sociais, o cearense, nascido em Fortaleza, em 13 de outubro de 1949, é de uma simplicidade e carisma inestimáveis.

“ NA REALIDADE, SER TALENTOSO É TER, ACIMA DE TUDO, A HUMILDADE E A CONSCIÊNCIA DE NÃO PERMITIR SE ENVAIDECER POR RÓTULOS ”



PEIXE 2 2000 / ACRÍLICA SOBRE TELA / 70 X 50 CM

Sua carreira na música é indiscutível, uma vez que suas canções – verdadeiras obras-primas – acompanharam e continuam acompanhando diversas gerações. O assunto aqui, no entanto, é um outro caminho também trilhado por Fagner: o de artista plástico. Inicialmente, contudo, é necessário falar sobre o curso de Arquitetura, cujo contato com nomes da área ocorreu ainda na época dos festivais de música. Tota, Totonho Laprovitera, Ricardo Bezerra e Fausto Nilo foram algumas das influências para que Fagner se-

guisse o caminho da arquitetura. “O Centro de Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura da UFC, no Benfica, era o buchicho da época. Adorava aquele ambiente”, afirma. Dessa maneira, a arquitetura, juntamente com a música, despertaram em Fagner um novo olhar para a arte. “A escolha pela arquitetura aconteceu sem muitas pretensões”, revela. De acordo com ele, apesar do ambiente acadêmico, repleto de muitos desenhos e formas, o primeiro contato real com as artes plásticas aconteceu durante uma

temporada em Paris. “Na ocasião, ganhei de um amigo umas tintas e uns papéis. Daí, fui para casa e comecei a desenhar, mais uma vez, sem grandes pretensões”, recorda. A década de 70 é tida como uma das mais produtivas na carreira de Fagner como artista plástico. Segundo ele, a explicação para isso está nas descobertas proporcionadas durante o período. “Eu nunca tive nenhuma técnica, entretanto, nessa época descobri várias coisas, o uso das tintas, de outros materiais e, principalmente, descobri que era possível fazer”, assevera.



PRAIA DAS FONTES 2002 / ACRÍLICA SOBRE TELA / 40 X 50 CM

No começo, segundo ele, a ideia era pintar guiado pela intuição, tendo como base apenas a forma como a tinta era colocada na tela. “Com o tempo fui amadurecendo, adquirindo mais técnica, e passei a definir exatamente o que queria fazer”, conta. Ao observar as obras de Fagner, algumas certezas nos são demonstradas. O Ceará – inclusive o querido Orós – consegue ser representado de forma poética e, ao mesmo tempo, com força e extrema delicadeza. Ao ser questionado sobre como consegue mesclar essa gama de sensações, o artista explica: “A praia, o sertão, o verde, a estrada, talvez tudo isso já esteja dentro de mim; por essa razão, tudo sai tão facilmente”, diz.

“

A PRAIA, O SERTÃO, O VERDE, A ESTRADA, TALVEZ TUDO ISSO JÁ ESTEJA DENTRO DE MIM, POR ESSA RAZÃO, TUDO SAITÃO FACILMENTE

”

”

Nos anos 1990, um dos momentos marcantes foi a exposição 3 Amigos, realizada em conjunto com Wiron Batista e Totonho Laprovitera. Logo em seguida, Ricardo Bezerra se uniu ao time durante a exposição 4 Artistas Cearenses. Sobre esse período, Fagner brinca: “Acho que isso foi uma irresponsabilidade. Ricardo já era formado, Totonho já tinha caminhos traçados e Wiron já fotografava muito. Eu entrei na gandaia”. Segundo ele, outro responsável por esse caminho traçado nas artes plásticas foi o grande amigo Tota. “Para se ter ideia, eu nunca comprei um pincel, uma tela ou uma tinta, Tota é um grande incentivador. Ele foi um grande motivador para que eu continuasse pintando, foi uma espécie de padrinho na arte”, relembra. Outro momento marcante aconteceu em Brasília, quando Fagner chegou a dividir a

exposição de seus quadros com Aldemir Martins, um dos grandes nomes das artes plásticas. “Isso também foi bem natural. Meu nome despertava curiosidade, mas, ao mesmo tempo, o nome do Aldemir era de uma responsabilidade sem igual”, conta. “Nunca vendi nenhuma obra minha, devo ter uns 40 ou 50 trabalhos no total. Isso, durante as exposições, causou alguns problemas, afinal, algumas pessoas queriam comprar. Mas a explicação é simples: nunca me achei com a qualidade e a responsabilidade de vender quadros”. Segundo conta, faz algum tempo que não pinta, muito disso se deve à correria diária, com agenda de shows sempre cheia e, ainda, o trabalho desenvolvido com a Fundação Raimundo Fagner. “Em tudo na minha vida contei com o trabalho coletivo, seja na música, nas artes ou em qualquer outro projeto. Acho que esse é o principal segredo para as coisas darem certo”, orgulha-se. É exatamente essa humildade e o sentimento de parceria que fazem com que Fagner seja cada vez mais reconhecido e admirado.



SERVIÇO:

Para conhecer mais sobre a Fundação Raimundo Fagner, basta acessar o site frfagner.com.br

A cada dia, a nossa
vista é uma verdadeira
obra-prima.



HOTEL

SONATA



Faça sua reserva
e surpreenda-se.

Reservas: +55 85 4006.1616
Fone: +55 85 4006.1600

www.sonatadeiracema.com.br

Av. Beira Mar, 848
Praia de Iracema - Fortaleza/Ce - Brasil

MARIOLA LANDOWSKA

CONEXÃO HOMEM E NATUREZA

Nascida na bela cidade de Szczecin, na Polônia, em 20 de janeiro de 1957, Mariola Landowska, quando criança, costumava andar de bicicleta, de patins nas pistas de gelo e, ainda, tinha o hábito de passar horas e horas observando as árvores e os pássaros nos jardins perto de casa. “Até hoje, quando retorno à cidade e caminho por esse parque, principalmente no outono, lembro até do cheiro das folhas vagando pelo ar. Sei que essa criança permanece muito viva em mim”, recorda Mariola. Na época de seu nascimento, e até a sua adolescência, o regime comunista estava em pleno vigor. Mariola afirma que viveu normalmente, porém, a rigidez imperava. Por exemplo, não era possível viajar para países que viviam sob o regime capitalista.

“

TINHA O HÁBITO DE PASSAR HORAS E HORAS OBSERVANDO AS ÁRVORES E OS PÁSSAROS NOS JARDINS

”



WHITE SUITE



BARCO SEM REMO
100 x 120 CM
ACRÍLICA SOBRE TELA

Durante uma temporada na Itália, conheceu um brasileiro, pintor e publicitário. Logo que retornou à Polónia decidiu que levaria o namorado com ela. No entanto, o rapaz trabalhava como publicitário em Portugal e precisou retornar. Depois de algum tempo, Mariola decidiu conhecer Portugal, e o que seria uma viagem de apenas alguns meses acabou se prolongando. Aos poucos, as propostas de trabalho foram

surgindo. Inicialmente, a oferta veio de um marchand que lhe propôs comprar duas telas suas por mês durante um ano. Tempos depois veio o convite para participar da primeira exposição na Casa da Imprensa e, em 1998, surgiu o convite para decorar um stand do Pavilhão da Polónia na Expo. Nos primeiros anos, o casal foi viver em uma casa de pescadores na Ericeira, dedicando-se a pintar aquarelas



ESPERANÇA 70 x 50 CM
ÓLEO SOBRE TELA / 2015

que depois eram vendidas em uma pequena loja. A primeira vez que veio ao Brasil foi em 1995, à época, ainda com o antigo namorado, viajou de Foz do Iguaçu até a Bahia. Com o passar dos anos começou a viajar sozinha. Pantanal, Amazônia, Rio Grande do Norte, Sergipe, Maranhão, Paraíba, Parnaíba, Ceará, São Paulo e Curitiba foram alguns dos lugares visitados. “Minha paixão pela etnografia e antropologia rejuvenesceu. Encontrei tribos e restos de tribos indígenas. Lá, com os índios, percebi minha linguagem artística, minha ligação com a mãe Terra, com a força infinita da selva, do carinho das pessoas”, recorda. A última vez no Brasil foi em 2016, quando esteve na aldeia indígena dos kayapós no Pará. Ultimamente, Mariola não trabalha com um tema específico. Como ela mesma afirma, “tudo pode virar inspiração, qualquer que seja a situação”.

“

ULTIMAMENTE, MARIOLA NÃO TRABALHA COM UM TEMA ESPECÍFICO. COMO ELA MESMA AFIRMA, “TUDO PODE VIRAR INSPIRAÇÃO, QUALQUER QUE SEJA A SITUAÇÃO

”



PENSAMENTO TROPICAL 80 x 100 CM
ACRÍLICO SOBRE TELA

A artista indica que tudo aquilo que lhe desperta curiosidade pode vir a ser tema de algum trabalho. Quando questionada sobre o que dizer para quem deseja seguir a carreira artística, Mariola é categórica: “Estude bastante, mas siga sempre sua intuição e sua verdade. Seja honesto com você e com o mundo que o rodeia”.

UM MUNDO DE POSSIBILIDADES PARA COLORIR SEUS MELHORES MOMENTOS.

Seu dia a dia merece
as melhores cores.
Para isso, a Fortaleza
Tintas tem imensa
satisfação em levar
mais cor à vida de
seus clientes, parceiros
e colaboradores.
Afinal, são 45 anos
oferecendo produtos
de qualidade
e um atendimento
com a atenção
que você merece.
Tudo para que continue
sendo sua patrocinadora
oficial das cores.

  fortalezatintas
fortalezatintas.com.br

 **FORTALEZA
TINTAS**
Patrocinadora Oficial das Cores

EDUARDO ELOY

O ARTISTA EM TRANSFORMAÇÃO

Nascido em Fortaleza, em 1955, Eduardo Eloy é o tipo de artista que, apesar da ampla experiência e reconhecimento, é de uma humildade fenomenal, sempre disposto a ensinar de forma didática e serena. Cearense, passou boa parte da vida no Rio de Janeiro. “Tive a oportunidade de viver esses dois lugares de uma forma muito grata. Se aqui no Ceará encontrei essa paisagem em que identifico o mar, a serra, o sertão e essas vivências que eu pude ter com a cultura, no Rio encontrei o mar, a serra e as vivências culturais com minha família”, ressalta. Com relação ao início do fazer artístico, Eduardo afirma que não houve um despertar específico. Segundo ele, o amor pela arte sempre esteve presente e a descoberta veio de uma necessidade profissional e cotidiana. “A minha aproximação com a arte, a música e o teatro sempre foi uma coisa de latência. Acho que esse amor pela arte é uma questão de respeito, como ser humano, pelas questões que a arte traz, principalmente, como elemento formador”, afirma. A produção de Eduardo é bem

FOTOS FERNANDO FRANÇA



“

ACHO QUE ESSE AMOR
PELA ARTE É UMA QUESTÃO
DE RESPEITO, COMO SER
HUMANO, PELAS QUESTÕES
QUE A ARTE TRAZ

”



SÉRIE PINTURA PARQUE GRÁFICO 120 x 160 CM
ACRÍLICA, TÊMPERA E SERIGRAFIA SOBRE TELA / 2015

SÉRIE PINTURA PARQUE GRÁFICO 110 x 110 CM
ACRÍLICA, TÊMPERA E SERIGRAFIA SOBRE TELA / 2015



ampla e caminha por várias linguagens e técnicas, a citar: desenho, xilogravura, gravura em metal, litografia, pintura e serigrafia. Segundo ele, sua ideia sempre foi mesclar todas elas, misturando processos e tendo, como resultado, trabalhos inovadores. Recentemente, Eloy tem se dedicado à impressão digital através de cadernos de viagens que são construídos com desenhos, colagens e pinturas. “Participei, ainda, de um coletivo importante de arte urbana, pioneiro em Fortaleza, o Grupo Aranha. Minha pintura desenvolveu-se, também, com essa pintura de grande escala, em que os temas eram múltiplos. Nós absorvíamos as problematizações e levávamos para as ruas, para exteriorizar essas propostas”, recorda. Eduardo teve uma formação bem sólida na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Centro Educacional Municipal Calouste Gulbenkian e Museu de Arte Moderna – MAM RJ, entre os anos de 1976 e 1981. Quando questionado sobre as principais influências, assevera: “Costumo dizer aos meus alunos que influência é uma coisa que se deve adquirir sempre, porque você deve procurar se renovar sempre e se questionar sempre. As influências, as boas influências, trazem essa inquietação para o artista”. Conforme conta, Iberê Camargo, Antonio Bandeira, bem como toda a história desenvolvida pelo Grupo Fluxus, que marcou as artes das



IMPRESSÃO FINE ART 1M x 1M / 2017



EDUARDO ELOY

décadas de 1960 e 1970, têm grande relevância. Com regularidade, Eduardo expõe no Brasil e em diversos outros lugares. Paris, Buenos Aires, Portugal e Nova York foram alguns dos locais em que Eduardo pôde apresentar seu trabalho, sempre com louvor e reconhecimento. Para se ter ideia do talento, já foi agraciado, em 1985, com o Prêmio Especial Pietro Maria Bardi, no 2º Salão Pirelli de Pintura - MASP em São Paulo e, em 1983, recebeu o prêmio na categoria de técnica mista no Salão da Universidade de Fortaleza - UNIFOR Plástica. Ao longo dos anos, Eduardo foi amadurecendo sua obra, entretanto, segundo ele, o artista do

início nunca desapareceu por completo. “Eu apenas procuro trazer esse artista para o tempo atual, para o momento de agora. A renovação na arte e a inventividade independem de idade”, diz. Conforme afirma, a linha de prospecção da sua atividade não é feita em cima de verdades. “Vivo e crio dentro de uma condição humana, uma condição vivencial, do tempo do início e do tempo de agora. É o tempo de vida, é o tempo de acúmulo de experiências que, na verdade, não são certas, e sim aberturas de portas”. Nos últimos tempos, Eduardo vem desenvolvendo os detalhes finais para uma exposição no Brasil, com mais de 100 obras.



A vida também é feita com as cores da Justiça.

**PAULO
QUEZADO**
advocacia

ALDEMIR

MARTINS

BRASILIDADE
À FLOR DA PELE

CANGACEIRO / ACRÍLICA SOBRE TELA (DETALHE)

Grande parte dos artistas, sejam brasileiros ou de outro país, buscam ter como característica de seu trabalho a mescla de técnicas e materiais. Este é, sem dúvida, um dos fatores que os diferenciam e que enaltecem sua trajetória. No Ceará, um dos mais representativos nomes, quando nos referimos a essa vertente destemida e curiosa, é Aldemir Martins. Nascido em Ingazeiras (distrito de Aurora), região do Vale do Cariri, no dia 8 de novembro de 1922 – ano da Semana de Arte Moderna (talvez não tenha sido por acaso!) –, era filho de Raimunda Costa Martins e Miguel de Souza Martins. Durante a infância de Aldemir, a família era constantemente obrigada a se mudar, por conta da função que o pai exercia na Rede Viação Cearense: encarregado da construção de estradas de ferro.

Antes de Fortaleza, o futuro artista morou algum tempo no município de Pacatuba, distante cerca de 34 quilômetros da capital cearense. Ainda pequeno já dava sinais de que sua vida seguiria pelo caminho artístico. Prova disso é que durante os estudos no Colégio Militar, já em Fortaleza, foi escolhido para exercer a função de orientador artístico da classe. Entre os anos de 1941 e 1945, Martins serviu ao Exército, no entanto, nas horas vagas, continuava a se dedicar ao desenho. É durante esse período que desenha o mapa aerofotogramétrico de Fortaleza e que também conquista o primeiro prêmio de sua carreira ao vencer o concurso promovido pela Oficina de Material Bélico da 10ª Região Militar, na pintura de viaturas do exército. Curiosamente, passa a ser conhecido como “Cabo Pintor”. Apesar de todos esses anos servindo à Pátria, Aldemir conseguiu, ainda, estimular e desenvolver, com muita propriedade, o meio artístico cearense.

“NO CEARÁ, UM DOS MAIS REPRESENTATIVOS NOMES, QUANDO NOS REFERIMOS A ESSA VERTENTE DESTEMIDA E CURIOSA, É ALDEMIR MARTINS.”

MARINHA / ACRÍLICA SOBRE TELA

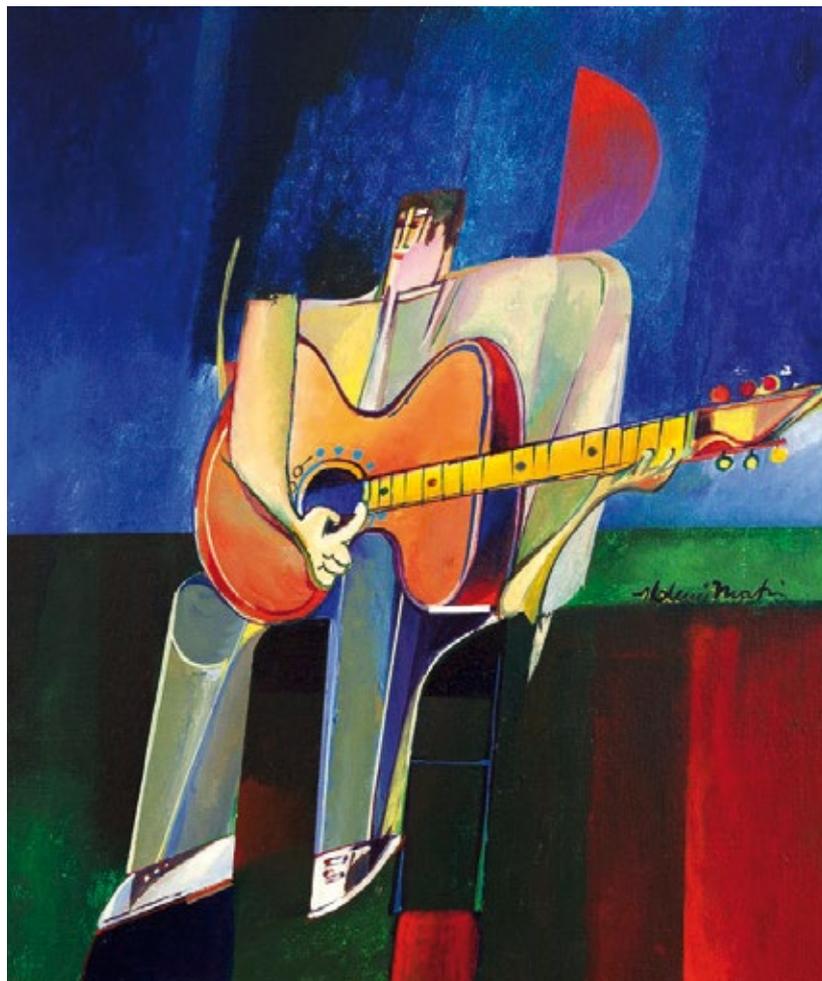




MARINHA
ACRÍLICA
SOBRE
TELA

VIOLEIRO
ACRÍLICA SOBRE TELA

Em 1942, juntamente com artistas como Mário Barata, Antonio Bandeira e João Siqueira, cria o Grupo Artys e a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap) que, ao longo de sua história, renovou o cenário da arte no Estado. É nesse mesmo ano que, pela primeira vez, expõe no II Salão de Pintura do Ceará. Para ele, era uma oportunidade excelente para fazer com que seu trabalho ficasse conhecido do grande público. Na época, Aldemir trabalhava como ilustrador para jornais, revistas e livros. De alma inquieta e com o constante desejo de conhecer tudo aquilo que se apresentava como novo, decidiu deixar o exército e se mudar para o Rio de Janeiro.



VIOLEIRO / ACRÍLICA SOBRE



GATO / ACRÍLICA SOBRE TELA

Já no primeiro ano em terras cariocas, participou de uma exposição coletiva no Salão Nacional de Belas Artes, na Galeria Askanasi, e seu talento começou a ultrapassar as barreiras do seu Estado natal. Em 1946, decidiu que era hora de se transferir para São Paulo. Lá, participou de inúmeras exposições coletivas. Com a obra intitulada “O Cangaceiro”, recebeu, em 1951, o Prêmio de Desenho, na Bienal de São Paulo. Em 1953, Aldemir Martins esteve na exposição “Pintores Brasileiros”, em Tóquio, no Japão. Em 1956, é premiado como melhor desenhista internacional durante a 28ª Bienal de Veneza. Um ano depois, os altos voos continuaram ao participar da exposição “Gravuras Brasileiras”, em Genebra, na Suécia. Nos anos de 1960 e 1961, morou em Roma, retornando novamente para São Paulo. Ao longo da vida, os trabalhos do artista percorreram e foram premiados em vários países.

“ AO LONGO DA VIDA, OS TRABALHOS DO ARTISTA PERCORRERAM E FORAM PREMIADOS EM VÁRIOS PAÍSES. ”

Apesar dos vários anos passados longe do Ceará, a cultura nordestina, principalmente pela representação constante de cangaceiros, foi uma forte influenciadora do seu trabalho. Além disso, Aldemir ficou conhecido por desenvolver obras que mostravam paisagens nordestinas, animais e até mesmo frutas. Com cores fortes, traços e luzes marcantes, em todas as suas pinturas, era notável a presença dos traços brasileiros. Com ele, provou-se que a natureza e a gente do Brasil podiam ser sinônimo de verdadeiras e imortais obras de arte, tudo isso influenciadas fortemente



por uma rica memória afetiva e uma forte e inigualável intuição. Ávido por novidades, o artista costumava utilizar os mais diferentes materiais e suportes. Suas criações estampam, por exemplo, caixas de charuto, papéis de carta, cartões-postais, telas de linho, de juta e tecidos variados e até mesmo fôrmas de pizza. Não pensem, no entanto, que o talento de Martins limitava-se ao desenho e à pintura. Ao longo do tempo, experienciou a gravura, a cerâmica e também a escultura. Em todas, conseguiu destaque e, mais do que isso, provou que artistas multifacetados são ainda mais capazes de reelaborar representações, sejam elas quais forem. Modernista, aproveitou como ninguém os elementos brasileiros, buscando dar a sua própria roupagem, sem, contudo, deixar de lado as tradições de um povo. Aldemir Martins faleceu em 5 de fevereiro de 2006, após sofrer um infarto em sua casa, no bairro Ibirapuera, zona sul de São Paulo. Seu legado, porém, continua imortalizado, seja pelos dados históricos, seja pelos novos artistas que, ao conhecerem sua trajetória brilhante, logo buscam tê-lo como inspiração.

GALO / ACRÍLICA SOBRE TELA

Transplante **capilar** em forma de **arte**



RODRIGO PORTO

ALQUIMIA: ARQUITETURA,
URBANISMO E EXPOGRAFIA



FOTO ARES SOARES

Nascido em Fortaleza, em dezembro de 1982, Rodrigo Porto é o melhor exemplo de que juventude e intelectualidade podem caminhar lado a lado, fortalecidas sempre pelo talento, bom humor e vontade de enxergar o mundo de maneira diferente. Na entrevista a seguir você conhece mais sobre o coordenador dos cursos de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Unifor e atual responsável por todos os projetos expográficos da Fundação Edson Queiroz.

A RELAÇÃO COM O MUNDO DA ARTE É HERANÇA FAMILIAR OU ALGO QUE DESENVOLVEU SOZINHO?

Desde pequeno, meus pais estimularam meu interesse por arte, bem como toda a família, tenho parentes arquitetos, artistas plásticos, além de colecionadores. Meus pais, em viagens que fazíamos, sempre colocavam na programação visitas a museus e a locais onde tinha alguma coisa exposta, que contasse alguma história. Estive em lugares que hoje acho incríveis, mas que, quando criança, achava chato. Hoje vejo o quão importante é o estímulo ao conhecimento das artes visuais por uma criança, mesmo que ela não entenda coisa alguma do que está vendo.

VOCÊ É FORMADO EM ARQUITETURA E URBANISMO. COMENTE UM POUCO SOBRE A PROFISSÃO.

Quando pequeno, morávamos em um apartamento e meus pais estavam se mudando para uma casa com um tamanho generoso. Meu tio, o arquiteto José Porto, estava projetando a

casa na época, e eu lembro bem de minha curiosidade quando meus pais e meu tio arquiteto se reuniam. Eu sempre ia às reuniões, e aquilo me fascinou. Eu tinha aproximadamente 14 anos. Essa aproximação empírica me despertou para esse mundo da arquitetura, obra e construção. Fiz vestibular aos 17 anos, sendo aprovado e iniciando meus estudos. Me formei aos 22.

A ESPECIALIZAÇÃO EM ILUMINAÇÃO FOI CURSADA NA PENN STATE UNIVERSITY. COMO FOI VIVER ESSE PERÍODO FORA DO BRASIL?

Foi de extrema importância para meu conhecimento, sobretudo como experiência de vida. Eu já era adulto, e estava ao mesmo tempo cursando mestrado na rigorosa UFRN, em outra área da arquitetura: o conforto ambiental. Nessa época, pude percorrer várias cidades dos EUA, visitando vários museus e ainda mais, aprendendo tudo o que sei hoje sobre iluminação. Foram tempos de muito valor, que me ajudaram a realizar o trabalho que desenvolvo hoje com clareza e êxito.

VOCÊ TAMBÉM É MESTRE EM ARQUITETURA BIOCLIMÁTICA PELA UFRN E DOUTORANDO NA UNIVERSIDADE MACKENZIE. QUAL A IMPORTÂNCIA DESSES TÍTULOS PARA SEU CRESCIMENTO PROFISSIONAL?

Apreendi com meus pais que estudo é algo seu; ninguém te tira! Independente de qualquer situação, devemos sempre estar em crescimento. Sou, com muito orgulho, da área acadêmica, onde coordeno a pós-graduação em Arquitetura da Universidade de Fortaleza, e ensino no curso de graduação da mesma área. Por estar envolvido com a área acadêmica, assim como muitos de minha família, inclusive meu pai, julgo cursos de mestrado e doutorado algo obrigatório para a formação de um bom docente. O crescimento profissional é consequência de estudo e esforço. A sorte está envolvida, nunca sozinha!

QUANDO SURTIU O CONVITE PARA COORDENAR OS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA?

Surgiu quando minha colega Ana Cecília Vasconcelos, grande arquiteta, pela qual tenho enorme admiração, recebeu esse cargo em plena época em que ela iniciava seus estudos de doutorado. Como sempre preguei que a sala de aula de-

veria ser acompanhada de um professor com vivência prática, ela não hesitou em me indicar. Os cursos de *lato sensu* estavam fracos. Imediatamente contatei um arquiteto que eu acabara de conhecer em uma de minhas idas a São Paulo para fazermos a divulgação de um dos cursos, o Leo Shehtman, e foi um sucesso. Após isso, lancei outros dois cursos, e neste momento trabalho em um novo projeto que visa a educação corporativa. Faremos inclusive uma missão internacional à Art Basel, na Suíça, com um seletivo grupo interessado em arte.

CITE ALGUNS DOS PRINCIPAIS PROJETOS QUE VOCÊ JÁ DESENVOLVEU NA ÁREA DA ARQUITETURA.

Um projeto do qual me orgulho muito é o da escola francesa de gastronomia Le Cordon Bleu, que infelizmente não veio mais a se instalar em Fortaleza. O projeto demandou vários estudos e foi de um valor imenso para minha carreira. Outro que sou

muito feliz em ter desenvolvido foi a Biblioteca de Acervos Especiais da Unifor, onde é abrigada a coleção de livros de Cicillo Matarazzo. Neste momento, me dedico ao mundo da expografia com forte atuação. Desenvolvi vários projetos expográficos, dentre eles a exposição de Beatriz Milhazes na Universidade de Fortaleza; a exposição Formas no Moderno, na Casa Fiat de Cultura, em Belo Horizonte; e o projeto expográfico da coleção da Fundação Edson Queiroz em Sobral, um trabalho muito gratificante.

EM QUE MOMENTO DA VIDA VOCÊ COMEÇOU A SE DEDICAR AO ESTUDO DAS ARTES?

Exatamente por ter esse conhecimento prévio em artes, pela minha vivência, fui convidado, há aproximadamente 7 anos, para trabalhar com ninguém menos que Airton Queiroz, o homem das artes do Ceará, ou, por que não dizer, do Brasil. Um dos mais generosos colecionadores que o mundo das artes brasileiras já

EXPOSIÇÃO COLEÇÃO DE MOTIVOS BEATRIZ MILHAZES, NA FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ



conheceu, sem dúvida. Esse dia a dia com ele me fazia querer ser melhor, sempre lendo mais e mais, conhecendo mais artistas, frequentando mais feiras de arte, dentro e fora do país, participando de inúmeras vernissages e exposições. Posso dizer que essa foi a razão para que eu aprofundasse meus estudos em arte, já adquiridos por uma vivência, fundamentados pela experiência desse ilustre homem.

LOGO QUE UMA EXPOSIÇÃO É PENSADA, UM VASTO TRABALHO É INICIADO. UM DELES É NA ÁREA DA EXPOGRAFIA. EXPLIQUE COMO FUNCIONA E QUAL A SUA EXPERIÊNCIA.

Uma exposição parte da vontade de alguma instituição, artista, colecionador ou outros, de promover um evento de arte. Após essa vontade, escolhe-se um curador, pessoa que vai selecionar o que vai ser exposto naquela exposição. Escolhidas as obras, entra o arquiteto, que, junto com o curador, vai desenvolver todo o percurso da exposição, escolhendo inclusive onde as obras ficarão expostas, desenvolvendo design gráfico da exposição, iluminação. Não é um trabalho fácil e exige profundo conhecimento em artes visuais, para que a conversa com o curador possa acontecer e fluir. Minha experiência é de aproximadamente 8 anos.

E O TRABALHO COMO CURADOR, DESDE QUANDO VOCÊ VEM EXECUTANDO?

Como curador, estou iniciando este trabalho com muito cuidado. Começou quando fui convidado por Ivana Bezerra, à frente do Instituto Ana Amélia, que desenvolve um trabalho lindo junto ao Lar Torres de Melo. Começaremos a transformar o foyer do Hotel Sonata em uma pequena galeria de arte, um espaço expositivo. Ser curador exige um conhecimento do qual ainda estou em fase inicial. Mas tudo se começa pelo começo. Então vamos em frente.

FALE UM POUCO SOBRE O USO DE MODERNAS TECNOLOGIAS NAS EXPOSIÇÕES.

O perfil dos visitantes dos museus tem mudado a cada dia. Tecnologia é fundamental para atrair público, principalmente o público mais jovem. A arte contemporânea invadiu o mundo das artes ferozmente, demandando espaços expositivos cada vez mais modernos, com recursos capazes de facilitar o entendimento dessa arte contemporânea.

O QUE DIZER PARA ALGUÉM QUE DESEJA INICIAR OS ESTUDOS DAS ARTES?

Tem que gostar de arte. Tem que gostar de ler sobre arte. Isso não é possível sem vocação. Vejo gente interessada apenas na indústria cultural, sem conhecimento aprofundado sobre artistas, trajetórias, percursos expositivos, ou qualquer

coisa menos rasa, trabalhando com isso, lamentável. Apesar da minha pouca experiência, só faço algo que eu seja capaz de concluir com êxito. Acho que incluir visitas a museus de nossa cidade, conhecer os artistas da terra e frequentar as vernissages e eventos ligados à arte é um bom começo, para ver se aquele mundo pode pertencer a você.

A SEU VER, COMPARADA À DE OUTROS PAÍSES, A POPULAÇÃO BRASILEIRA É APRECIADORA DE ARTE?

A arte não pode ser definida apenas pelas artes visuais propriamente ditas. Temos na nossa terra obras de arte belíssimas em barro, rendas, cipós. Isso tudo é arte. Mas em se falando de arte contemporânea, artes plásticas, não tenho medo de afirmar que o público apreciador está crescendo muito. E eu cada dia mais feliz com isso.

QUAIS SÃO SEUS PROJETOS PARA O FUTURO?

Penso que estou num caminho sem volta (risos). A arte e seu mundo me fisgou. O futuro a gente colhe plantando o bem, e plantando muita arte boa. Mas aprofundar meus conhecimentos em curadoria de arte é um caminho que quero trilhar.

“ A ARTE NÃO PODE SER DEFINIDA APENAS PELAS ARTES VISUAIS PROPRIAMENTE DITAS ”



Pensando em empreender num lugar pleno de sinergia?
A modernidade exige novas formas de organização profissional.

🌐 coworking.etc.br ✉ etc@coworking.etc.br 📱 [/coworking.etc.br](https://www.facebook.com/coworking.etc.br) 📷 [@coworking.etc.br](https://www.instagram.com/coworking.etc.br)
📍 AV. SEN. VIRGÍLIO TÁVORA ESQUINA COM AV. ABOLIÇÃO, 3180 - MEIRELES ☎ (85) 3021-8300

ESTACIONAMENTO EXCLUSIVO COM MANOBRISTA

IVANA BEZERRA

ARTE E TRABALHO SOCIAL



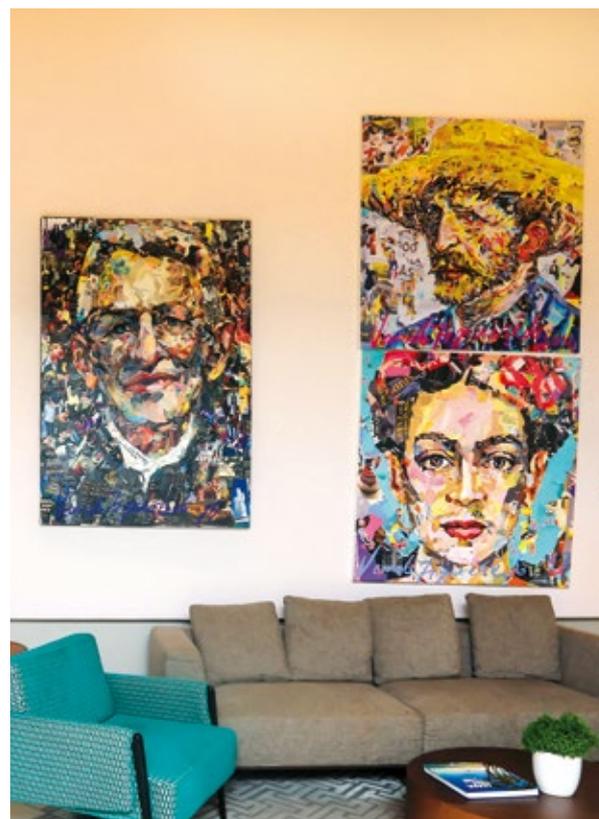
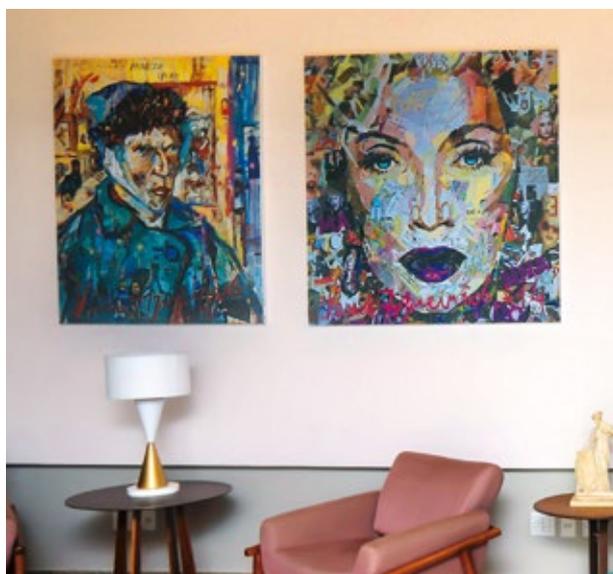
EM DESTAQUE, QUADROS DO ARTISTA PLÁSTICO MANO ALENCAR

**Hotel Sonata de Irace-
ma, situado na Aveni-
da Beira Mar, um dos
cartões-postais da capital
cearense, é bastante fre-
quentado por turistas bra-
sileiros e estrangeiros.** E foi
exatamente nesse local que,
por iniciativa da diretora Iva-
na Bezerra, surgiu a Galeria

Solidária, ou Espaço Cultural Ana Amélia. “Homenageamos o espaço com o nome da minha irmã Ana Amélia por ela ser exemplo de uma pessoa solidária. Durante o tempo que Deus nos deu a bênção de sua convivência, ela não poupou esforços para ajudar os menos favorecidos”, explica Ivana Bezerra. A ideia de

criar a Galeria também surgiu da percepção de que toda a extensão da parede do lobby do hotel poderia ser melhor aproveitada. A diretora conta que o projeto inicial era possibilitar que artistas, mesmo desconhecidos, tivessem a chance de mostrar sua arte e talento ao público. Entretanto,

grandes nomes das artes plásticas já expuseram seus trabalhos no Espaço. Para se ter ideia, o lançamento da galeria contou com a exposição das obras de Mano Alencar e Vando Figueiredo. O mês de julho abre com a arte de Mariola Landowska, uma pintora polaca bastante conhecida na Europa. De início, todo o espaço foi organizado por Ivana, em conjunto com a gerente do hotel. No entanto, em 2017,



A GALERIA ANA AMÉLIA CONTOU NA SUA ABERTURA COM A EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS VANDO FIGUEIREDO E MANO ALENCAR



VANDO FIGUEIREDO
TAMBÉM POSSUI
TRABALHOS EXPOSTOS
NA GALERIA SOLIDÁRIA

Rodrigo Porto, arquiteto e estudioso da expografia, passou a fazer parte do time. “Com muito carinho ele comprou a nossa ideia e fez, além do projeto de arquitetura, todo o acompanhamento e orientação nas exposições”. Outra grande parceira da iniciativa é Lília Quinderé, que, devido à grande experiência na área das artes plásticas, também participa da equipe técnica especializada em pensar todas as exposições.

TRABALHO SOCIAL

Além de fortalecer a arte, a Galeria Solidária também é sinônimo de trabalho social. Isso porque Ivana Bezerra sempre desenvolveu diversas atividades filantrópicas em Fortaleza, uma das principais acontece com o Lar Torres de Melo. “Na nossa galeria, temos um espaço reservado para as obras pintadas pelos idosos, com ajuda do nosso amigo



TRABALHOS DOS IDOSOS DO LAR TORRES DE MELO TAMBÉM TÊM ESPAÇO NA GALERIA

e pintor Tota. Essas obras são expostas e 100% da renda com a venda dos quadros é doada para o Lar. Além disso, conseguimos com os artistas que eles doem 15% da venda das obras deles para o Lar Torres de Melo”, revela Ivana. Quando questionada sobre a emoção de estar à frente de um projeto como a Galeria Solidária, Ivana Bezerra se emociona: “Me sinto muito abençoada por poder ajudar de uma forma tão prazerosa. O nosso lobby fica sempre muito bonito e as pessoas sempre se comovem quando conhecem o nosso trabalho”.

“IVANA BEZERRA SEMPRE DESENVOLVEU DIVERSAS ATIVIDADES FILANTRÓPICAS EM FORTALEZA, UMA DAS PRINCIPAIS ACONTECE COM O LAR TORRES DE MELO”

A tecnologia imita a vida



NOVAS EPSON SURECOLOR® P600 E P800



- Tecnologia PrecisionCore™ para impressões de alta qualidade
- Ampla conectividade: USB, Wireless, Ethernet e Pictbridge (imprime diretamente a partir da câmera)
- Resolução de impressão de 5760 x 1440 dpi (P600)
- Melhores impressões em preto e branco e em cores incrivelmente fiéis com as novas tintas Epson UltraChrome® HD
- Impressões em fine art em tamanhos até A3+ (P600) e A2+ (P800) ou em rolos

EPSON®
EXCEED YOUR VISION

abcdistribuidora.com.br

Indústria gráfica / Comunicação Visual / Sublimação

ABC
Distribuidora

AQUARELA

TRANSPARÊNCIA E
SUTILEZAS EM TRAÇOS
E CORES

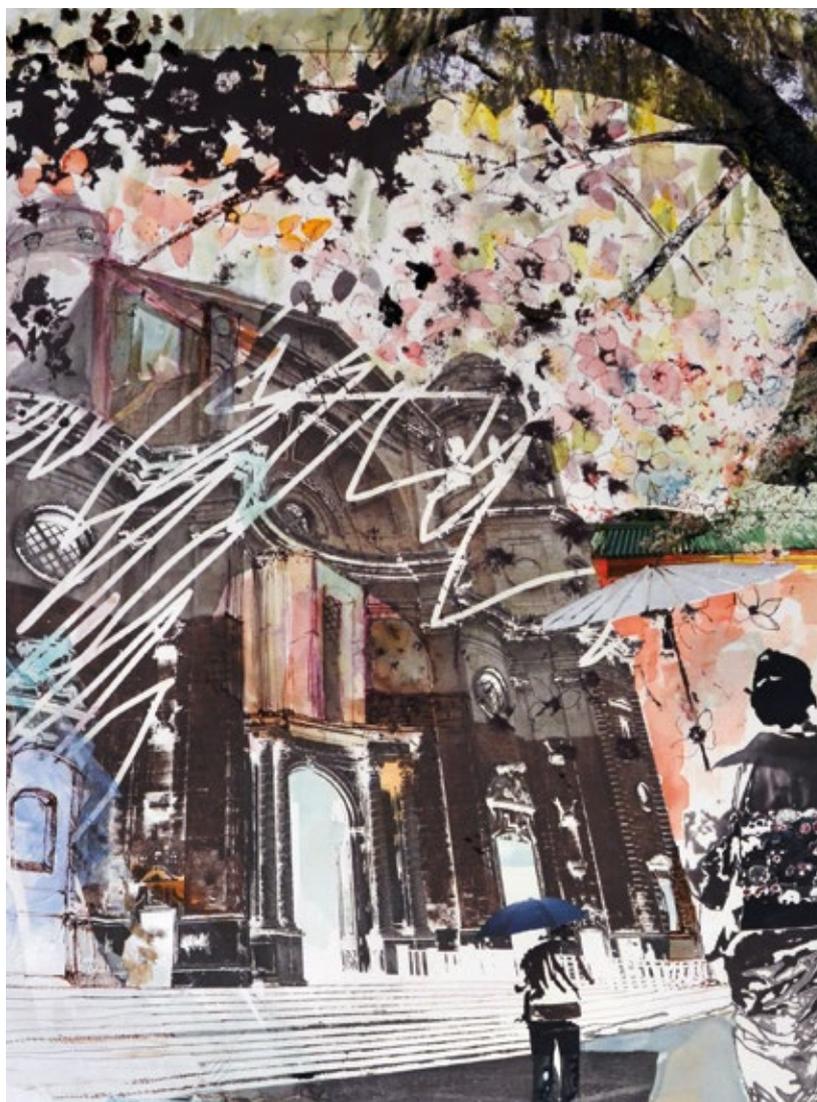
Conforme a definição clássica, aquarela é a técnica de pintura na qual os pigmentos estão suspensos sobre o suporte ou dissolvidos em água. Os suportes utilizados são os mais variados possíveis, entre eles: cascas de árvore, plástico, couro, tecido, papiro, papel com elevada gramagem, além da própria tela. Porém, se decidirmos definir a técnica de maneira mais poética e subjetiva, podemos dizer que aquarela é sensibilidade, elegância e sutileza, é a criação em perspectiva com um perfeito trabalho de sombras. Reconhecidas no Ceará e no Brasil, duas aquarelistas são destaque pelo talento e primor. E é sobre a paulista Cecilia Bichucher e a carioca Nícia Bormann que, a seguir, você fica sabendo mais.



CECÍLIA BICHUCHER

EM PEQUENOS DETALHES

Nascida em São Paulo e filha de estrangeiros, Cecília tem uma formação acadêmica e, na adolescência, apaixonou-se pela leitura. “Era uma média de um livro por semana”, conta. Antes mesmo da faculdade, já havia lido, por exemplo, Clarice Lispector, Liev Tolstói, Julio Cortázar, García Márquez, Jorge Luis Borges, Milan Kundera e Cervantes. Na faculdade, começou a se dedicar também aos clássicos, tais como: Sófocles, Platão, Santo Agostinho, Shakespeare, Rousseau, Kant, Ibsen e Marx. Estudou Arte nos Estados Unidos e, aos 22 anos, estava formada e casada. É aí que a relação com o Ceará começa. “Apaixonei-me, casei e vim morar no Ceará”. Cecília é nitidamente muito tímida. “Para alguém que conseguiu passar por Nova York nos anos



SAKURA 2015 / MPRESSÃO DIGITAL, AQUARELA E NANQUIM SOBRE PAPEL / 96 X 72 CM

oitenta, que falava 4 línguas, discutia James Joyce, era uma pessoa moderna e cheia de experiências, seria fácil tirar Fortaleza de letra! Mas minha timidez me deu o maior choque cultural”. Na capital cearense, Bichucher continuou a fazer arte, lecionou História da Arte em uma faculdade, deu aulas de inglês, montou uma empresa de cursos livres e foi controller na empresa do marido. Entretanto, de acordo com ela, seu maior feito foi a arte de ser mãe. “Uma vez, estava conversando com o pintor Otto Cavalcanti aqui em Fortaleza, na feirinha do Shopping Aldeota, e pedi licença, pois tinha que ir para casa, estava na hora do jantar dos meus filhos. E ele me disse uma coisa muito bonita: Suas obras mais importantes estão te esperando em casa”. Os anos passaram e o fazer artístico continuava. De início, foram trabalhos em óleo, temas clássicos, natureza-morta, flores no estilo de Manet, Redon e Matisse. Por alguns problemas de saúde, provavelmente relacionados com os solventes, precisou abandonar o óleo. Foi aí que surgiu a aquarela e a gravura. “Fiz aula com Eduardo Eloy e montei minha primeira exposição conceitual, contextual, com um trabalho com que me identifiquei, instigante: As combinações. A partir de 30 gravuras em metal, criei um sistema de combinações entre elas e cheguei a produzir 1.000



MIGRAÇÕES - O ENCONTRO 2018 / COLAGEM, AQUARELA E NANQUIM SOBRE PAPEL / 50 X 50 CM

gravuras”. O projeto, apesar de ainda não concluído, vem sendo exposto de várias maneiras: com uma máquina xerox “faça sua gravura”; como um livro explorando possibilidades; como um dominó; ou mesmo com um jogo de combinações. “Com o passar do tempo, meu interesse por aquarelas foi crescendo, e me voltei especialmente a dois velhos conhecidos: Emil Nolde e Turner. Na aquarela, venho introduzindo colagens e outras técnicas. A intenção é desmisti-

ficar a aquarela como um esboço e dar corpo e identidade da obra completa”. A artista cria paisagens fantásticas, lugares inusitados de encontro e memória. Este ano, com o projeto Migrações, esteve na Casa da Cultura em Sobral. Uma grande exposição que pôde demonstrar a essência do coletivo. “Estamos construindo um caminho insólito na arte de cooperação a partir das habilidades de cada um. Somos como uma trama onde permeiam ideais, fazeres e construções”, afirma.

NICIA BORMANN

DE ALMA E
CORPO



PAISAGEM SEM TÍTULO 2015 / AQUARELA 30 x 30CM

Carioca, filha de pai cearense e militar, Nícia Bormann passou grande parte da infância em Curitiba, terra de sua mãe. Do tempo na capital paranaense, teve a oportunidade de entrar em contato com o desenho. Aos 11 anos, deixou Curitiba e, com a família, passou a percorrer o Brasil. Durante a preparação para o vestibular, chegou a pensar na hipótese de seguir os passos do pai e cursar engenharia. No entanto, relembra que o pai dizia não querer sua filha em canteiro de obras. Na Cidade Maravilhosa, na década de 60, cursou a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. As primeiras aquarelas foram elaboradas durante as aulas com o professor, pintor e desenhista Ubi Bava. E, após isso, a paixão pela técnica logo foi ficando mais intensa.



PRIMAVERA 2014 / AQUARELA / 23 x 23 CM

Ao concluir a faculdade, já casada com o também arquiteto Gerhard Bormann, com quem Nícia namorou desde o primeiro ano, decidiu morar em Fortaleza no ano de 1965, por insistência do pai. Na época, a Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará estava se formando, e precisava de professores. Foi atribuída a Nícia a tarefa de ministrar uma disciplina de princípios de de-

senho. Nícia relembra com orgulho e alegria o fato de ter sido uma das primeiras mulheres a lecionar na faculdade. “Na preparação dessas aulas, orientada pelo professor Hélio Duarte, mergulhei no estudo dos conceitos da Bauhaus, teoria das cores, princípios de composição e teoria da Gestalt. Devo a essa disciplina a minha iniciação no mundo das artes”, conta. O paisagismo entrou em

sua vida durante o estágio no escritório de Roberto Burle Marx. Segundo ressalta, naquele tempo ela não tinha a exata noção do quanto aquela experiência a influenciaria. Tempos depois, houve a recomendação de que se incluísse a disciplina de Paisagismo dentro da grade curricular de Arquitetura na UFC. E, mais uma vez, Nícia foi a escolhida para elaborar tanto a ementa quanto o programa. Brasília, onde morou por 17 anos, foi, segundo Nícia, o lugar que realmente a iniciou no mundo das artes. Segundo conta, foi lá que buscou aulas de gravura em metal, no atelier de Leda Watson e depois no Núcleo de Gravura da UnB, com Marília Rodrigues. Além disso, participou de exposições coletivas e frequentou workshops com artistas de renome, tais como Evandro Jardim. Na Universidade de Brasília (UnB), frequentava o Instituto de Artes e lecionava na escola de arquitetura. A técnica da aquarela nunca foi deixada de lado, e, com o passar do tempo, foi sendo cada vez mais marcante em sua vida. Curiosamente, Nícia afirma que nunca teve aulas formais de aquarela. Segundo conta, a dedicação se deu porque era a técnica mais adequada para colorir as paisagens que encontrava e pelas quais se apaixonava. Um conselho aos mais jovens: “Lembre que aquarela é água, e sua maior qualidade é a transparência. Mas, antes de mais nada, coloque sua alma no que faz”.

WWW.ARTPLAC.COM

SÉRVULO ESMERALDO, CUNHA, 1987-2013, AÇO PINTADO, 35 X 24 X 104 CM,
COLEÇÃO PARTICULAR. IMAGEM A PARTIR DE FOTO DE GENTIL BARREIRA.



ARQUITETURA / ENGENHARIA / DESIGN / COMUNICAÇÃO

artplac

SOLUÇÕES VISUAIS
85 3473 7171

JOSÉ GUEDES

A ARTE COMO DESTINO



“**A** arte brasileira, tanto a moderna quanto a contemporânea, nunca foi tão valorizada, inclusive no exterior. Nos últimos 10 anos, nenhum outro investimento rendeu tanto quanto a aquisição de obras de alguns artistas”. É dessa forma que o artista plástico cearense, José Guedes, enxerga o mercado da arte no Brasil atualmente. Com uma carreira sólida e extremamente reconhecida, tanto nacional como internacionalmente, Guedes afirma que a arte surgiu de maneira muito natural em sua vida. Segundo conta, guarda com carinho um desenho feito aos três anos de idade. “Ali, creio que meu destino estava traçado.



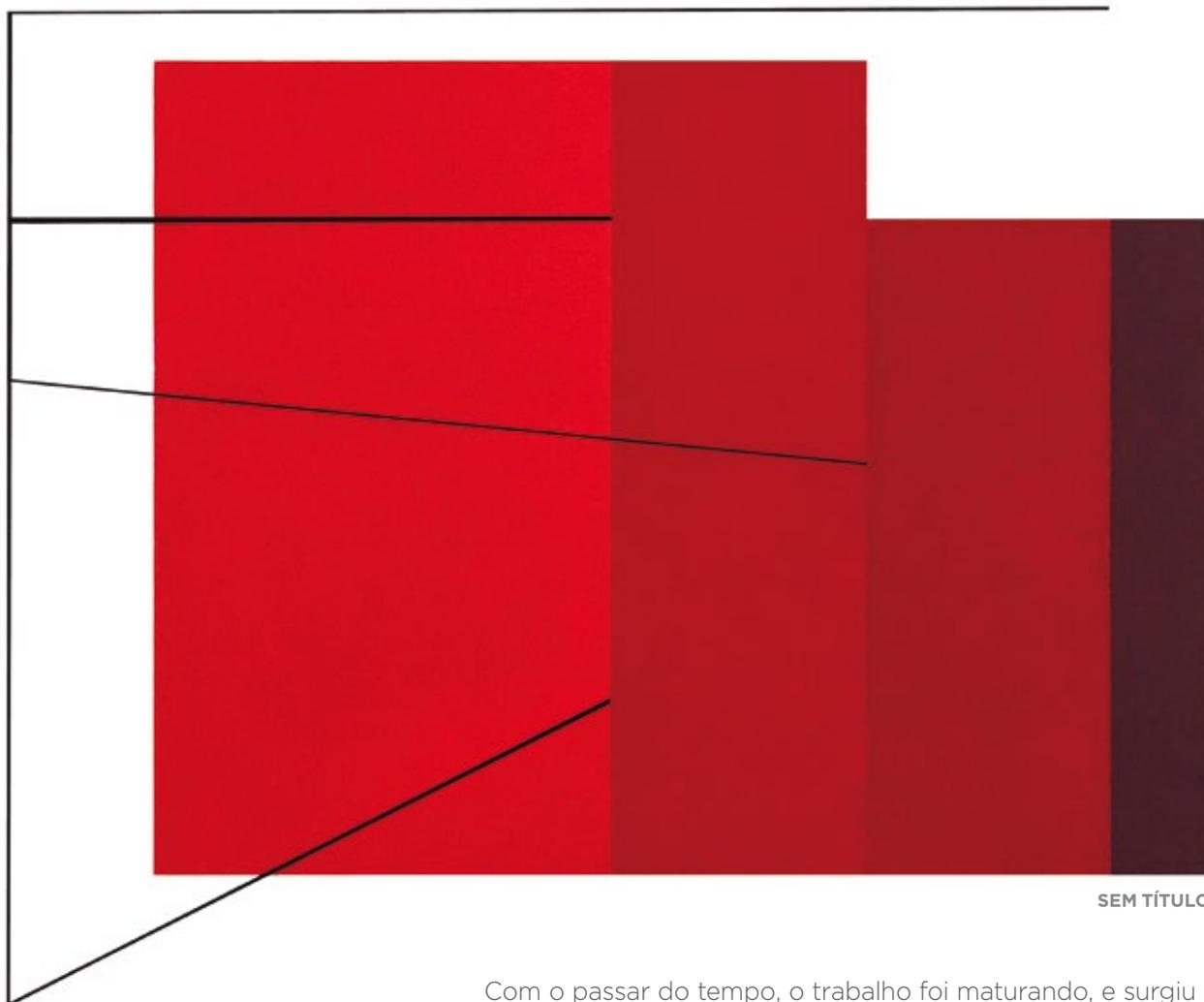
RECONSTRUÇÃO 37

Depois vieram os incentivos de artistas ligados à família, como Eduardo Pamplona e Aldemir Martins”. Sobre Aldemir, um dos principais nomes das artes plásticas brasileiras, Guedes afirma que foi um dos grandes incentivadores de seu trabalho e que acabou se

tornando um amigo inseparável. O trabalho no campo das artes plásticas começou bem cedo. Com apenas 15 anos José Guedes começou a participar dos salões de arte. “O prêmio de pintura no Salão dos Novos, de 1973, tornou-se um marco. Considero que minha carreira começou aí”, diz. Nessa época, o artista fazia uma abstração lírica informal. Depois, numa guinada radical, passou à figuração de forte influência hiper-realista.



CALÇADAS



SEM TÍTULO

“

TODAS AS MOSTRAS QUE FIZ FORAM IMPORTANTES, MAS DESTACARIA DUAS: A MOSTRA SEM TÍTULO, NO PAÇO DAS ARTES EM SP, E A MOSTRA GUEDES, NO INSTITUTO VALENCIANO DE ARTE MODERNA, NA ESPANHA

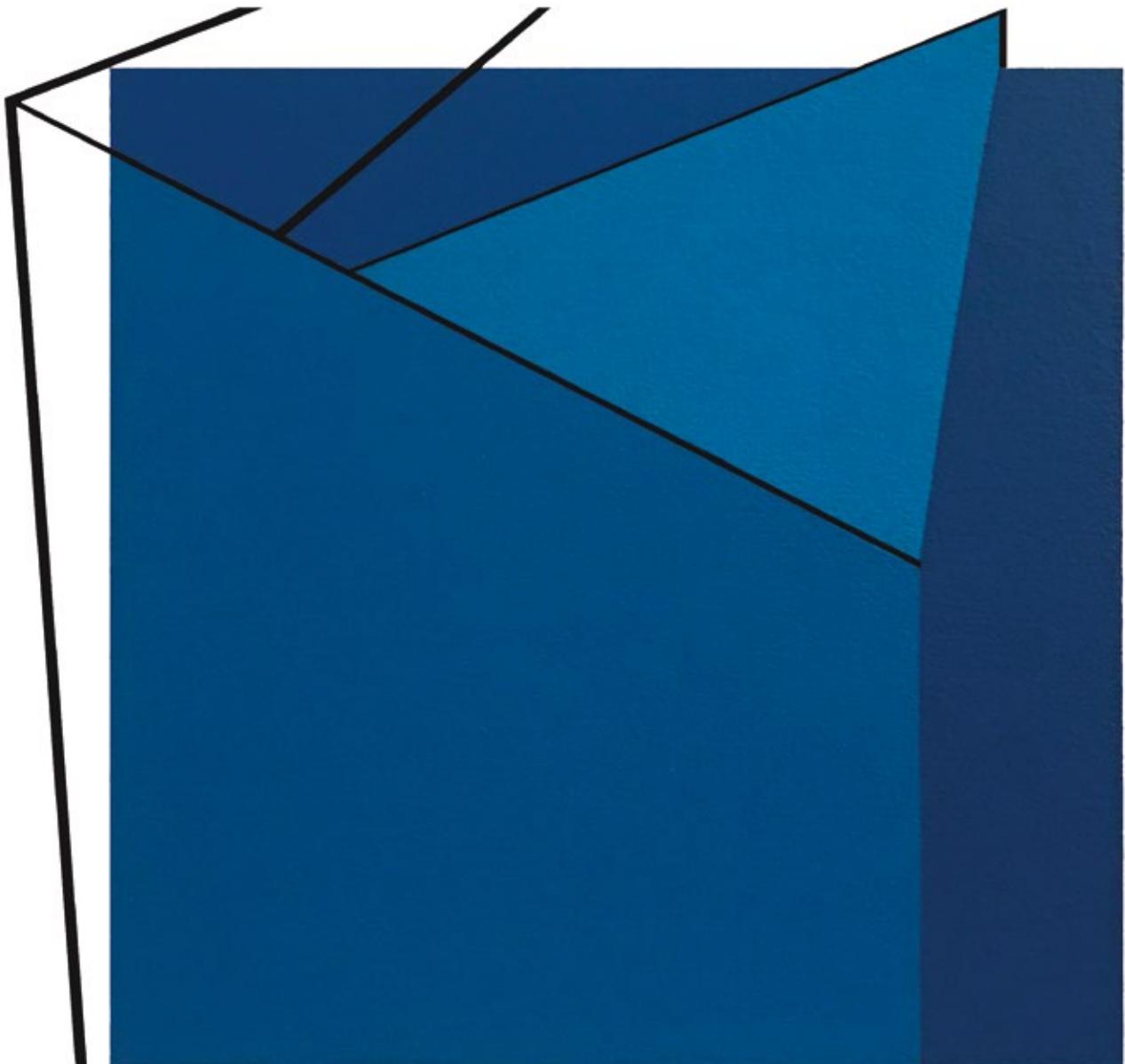
”

Com o passar do tempo, o trabalho foi maturando, e surgiu o desenho construtivo com espaços de cor. Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu Ivam, na Espanha, são apenas alguns dos locais que possuem obras do artista. Para se ter noção da sua genialidade, Guedes tem no currículo 18 prêmios, incluindo prêmios brasileiros e estrangeiros, entre os quais a Paleta D’Or em Cagnes-Sur-Mer, na França, no Chateau Grimaldi. Muito do seu reconhecimento artístico vem do trabalho multifacetado, já que, além da pintura, ele desenvolve esculturas, instalações, vídeos e fotografias. “Em essência me considero pintor, mas, a partir dos anos 90, senti a necessidade de expandir as questões da pintura para outras mídias”, ressalta. Além de tudo isso, Guedes também atua como desenhista. Conforme assevera, embora seja a faceta menos conhecida, no Salão dos Novos, de 1973, em que ganhou um prêmio de pintura, vários de seus desenhos também foram selecionados. Quando questionado

sobre a graduação em Direito, Guedes revela: “Na realidade, essa graduação foi um desejo dos meus pais. Eles nunca fizeram qualquer tipo de objeção quanto ao fato de eu querer ser artista, mas me pediram para ter um diploma, por uma questão de segurança. Nunca tive a menor vocação para ser

advogado (tenho também OAB), mas foi um curso bastante enriquecedor”. A arte agradece, visto que, ao longo de 45 anos de carreira, Guedes foi amadurecendo e, com isso, fazendo com que o nome do Ceará – e do Brasil – alçasse voos cada vez mais altos. “O tempo vai lhe dando segurança e coragem de correr riscos. Eu nunca me

rendi ao sucesso de crítica ou de mercado. Sempre questiono o que faço e procuro me reinventar. Sei que esse é o caminho mais difícil, mas sou movido a desafios”, diz. Atualmente, vem trabalhando no desenvolvimento de uma exposição de pinturas e desenhos de Di Cavalcanti, que será inaugurada em agosto na Casa D’Alva.



SEM TÍTULO

JOSÉ LEONILSON

OBRA CONTEMPORÂNEA
E AUTOBIOGRÁFICA

FOTO: RONALDO MIRANDA

Vida curta, mas absolutamente intensa. É exatamente dessa forma que podemos caracterizar toda a trajetória do cearense **José Leonilson Bezerra Dias**. Nascido em Fortaleza no ano de 1957, é um dos maiores nomes da arte contemporânea brasileira. Em 1961, juntamente com a família, Leonilson se mudou para a capital paulista. Podemos dizer, certamente, que foi lá que descobriu o talento e a paixão pelo mundo da arte. Julio Plaza, Nelson Leirner e Regina Silveira tiveram intensa participação em sua formação, uma vez que foram seus professores, entre os anos de 1977 e 1980, período em que cursou Educação Artística na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Sua primeira exposição coletiva, intitulada “Desenho Jovem”, aconteceu em 1979, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Um ano depois, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, participa da mostra Panorama da Arte Atual Brasileira/Desenho e Gravura. Um acontecimento que também marcou sua carreira foi a participação no grupo Geração 80.

Juntamente com Denise Senise, Beatriz Milhazes, Luiz Pizarro, Karin Lambrecht, Alex Vallauri, Luiz Zerbini, Leda Catunda e Sergio Romagnolo, Leonilson participou de uma das principais tendências artísticas brasileiras, caracterizada como o retorno a uma pintura mais subjetiva, mais íntima, ou seja, a retomada do “prazer” da pintura. O principal marco para essa tendência foi a exposição “Como vai você, Geração 80?”, realizada, em 1984, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Na ocasião, 123 artistas brasileiros tiveram a oportunidade de expor seus trabalhos.



FOTO: RUBENS CHIRI / © PROJETO LEONILSON

ÁGUAS DIVIDADAS

1992 / LINHA
SOBRE SEDA
ESTAMPADA
E TECIDO DE
ALGODÃO
LISTRADO /
42 X 38 CM



**MOEDAS DE
ARTISTA** 1985
/ LÁPIS DE
COR, PASTEL
OLEOSO E LÁPIS
METÁLICO
SOBRE PAPEL /
33 X 48 CM

FOTO: SERGIO GUERINI / © PROJETO LEONILSON

“

LEONILSON PARTICIPOU DE UMA DAS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS ARTÍSTICAS BRASILEIRAS, CARACTERIZADA COMO O RETORNO A UMA PINTURA MAIS SUBJETIVA

”

Nessa época suas criações eram repletas de jovialidade e humor, com cores fortes e marcadas por uma espécie de figurativismo pop. Como dito inicialmente, tudo na vida de Leonilson dava a impressão de que precisava “ser vivido com extremo imediatismo”. Para se ter ideia, já em 1981 fazia sua primeira exposição no exterior, mais precisamente em Madri, capital da Espanha, na galeria Casa do Brasil.

Aproveitando o período no Velho Continente, decide percorrer diversas cidades. Em Milão, tem contato com Antonio Dias, que o apresenta a Achille Bonito Oliva, crítico de arte ligado à transvanguarda italiana. Em Lecce, na Itália, participa da exposição “Giovane Arte Internazionale”, na Galleria Giuli. Em 1982, decide retornar ao Brasil. E é aí que sua produção começa a ter os traços ainda mais redefinidos e delimitados. A obra de Leonilson

é de um encantamento quase inexplicável. Na realidade, existe, sim, uma justificativa para isso. Intensa, detalhada e concentrada, principalmente, nos dez últimos anos de sua vida, a obra do artista é, predominantemente, autobiográfica. Vários são os críticos de arte que afirmam que cada trabalho criado era construído como uma espécie de carta para um diário altamente íntimo. A Aids (descoberta em 1991), a homossexualidade e o

turbulento momento político enfrentado pelo Brasil também serviram de pano de fundo para diversas criações. O artista, apesar do enorme brilhantismo, fazia questão de manter uma linguagem simples e acessível. Talvez seja essa uma das razões para que seu trabalho seja tão presente nos dias atuais, mesmo entre aqueles que não o conheceram em vida. De início, Leonilson trabalhou fortemente com desenhos e pinturas. No entanto, sempre foi aberto a novas maneiras de expressar sua arte. Seu talento era tanto que, durante certo tempo, foi um dos principais ilustradores do jornal Folha de São Paulo. Com o avanço da doença, o bordado começou a ser uma válvula de escape. As linhas “toscas”, com palavras ou textos, narravam, de uma forma altamente peculiar, sua forma de encarar a vida. Leonilson conseguiu abordar questões universais sem deixar de lado sua forma carismática de enxergar a existência. O artista faleceu em 1993, mas sua arte foi deixada de herança, repleta de força, talento e grandiosidade.

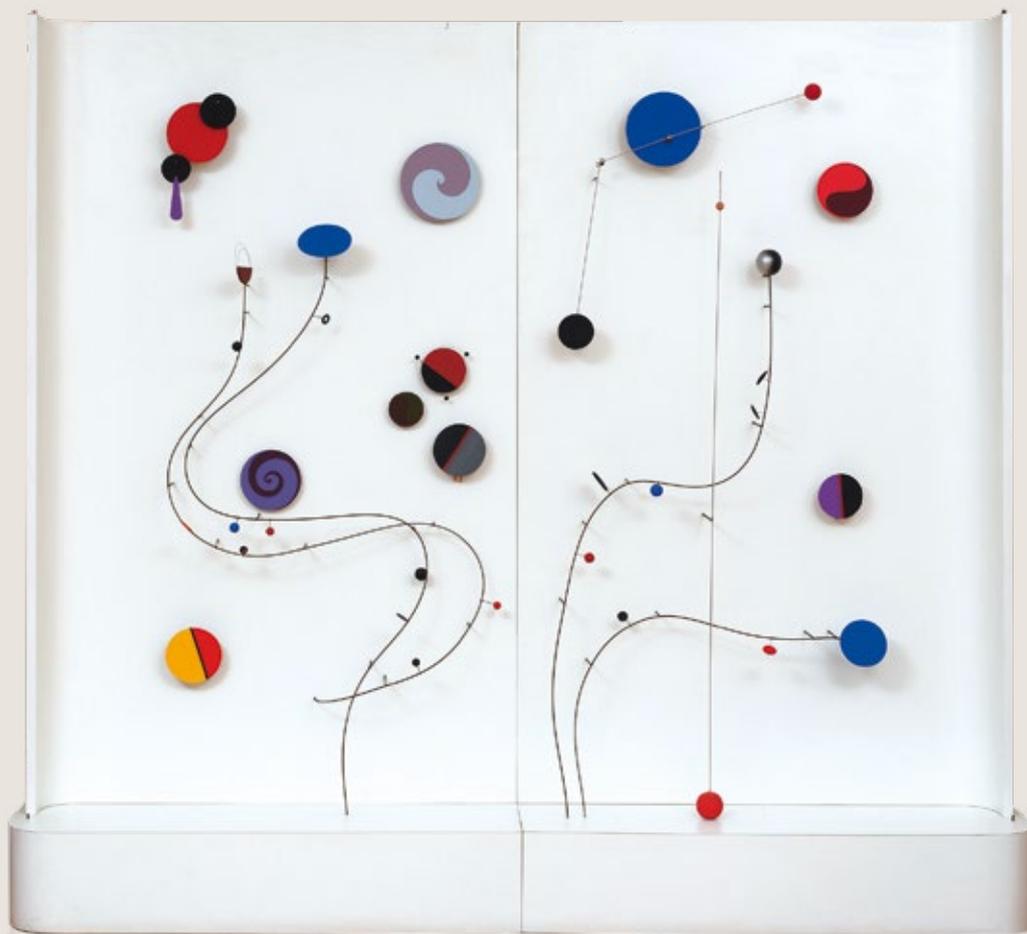
FOTO: RAFAEL ASSEF



PERIGO - 3ª CAIXA 1980
AQUARELA E GRAFITE SOBRE PAPEL / 731 X 23 X 0 CM

“ A OBRA DE LEONILSON É DE UM ENCANTAMENTO QUASE INEXPLICÁVEL ”

ABRAHAM PALATNIK CINETICAMENTE



OBJETO CINÉTICO 2006/2018

MADEIRA, FÓRMICA, METAL, ACRÍLICO, IMÃS E MOTOR / 205 X 226 X 40 CM

Nascido em Natal, Rio Grande do Norte, no ano de 1928, Abraham Palatnik é um dos principais nomes quando o assunto é arte cinética. Filho de judeus russos, em 1932, se muda com

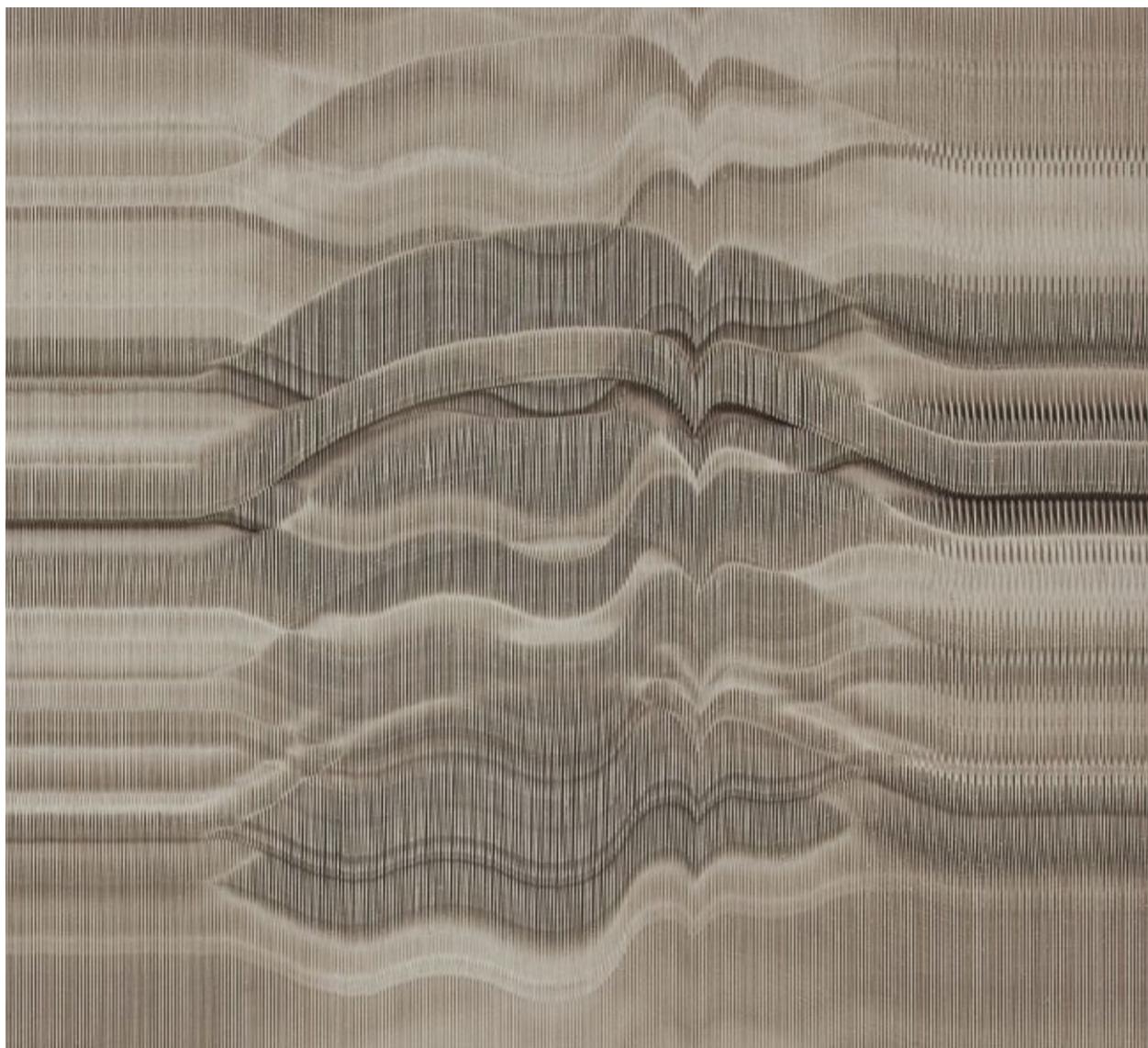
a família para a região onde atualmente está localizado o estado de Israel. A Escola Técnica Montefiori, em Tel Aviv, foi o lugar escolhido, entre 1942 e 1945, para a especialização em motores a explosão. Nesse

tempo, também começa a se dedicar ao desenho, pintura e estética no Instituto Municipal de Arte de Tel Aviv. Na época, produz pinturas de paisagens, retratos e naturezas-mortas. Ao completar 20 anos, retorna

ao Brasil e passa a morar no Rio de Janeiro. E é em terras tupiniquins que Abraham Palatnik conhece diversos artistas que passam a influenciar seu trabalho, entre os quais: Renina Katz, Almir Mavignier e Ivan Serpa. Com Serpa, o artista conhece e passa a frequentar a casa do crítico de arte Mário Pedrosa, de quem se torna amigo. Além das discussões conceituais e do constante contato com outros artistas, um dos fatores que levou Palatnik a abandonar o pincel e o figurativo, e enxergar a arte a partir da perspectiva da cor, da forma e da liberdade, foi o trabalho desenvolvido

pela doutora Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro. Lá, passou a observar o trabalho excepcional realizado por pacientes esquizofrênicos que, em sua maioria, desconheciam o sentido da palavra arte, e é a partir daí que passa a se dedicar à arte abstrata.

IMAGENS: ACERVO PESSOAL DO ARTISTA E ARQUIVO GALERIA NARA ROESLER

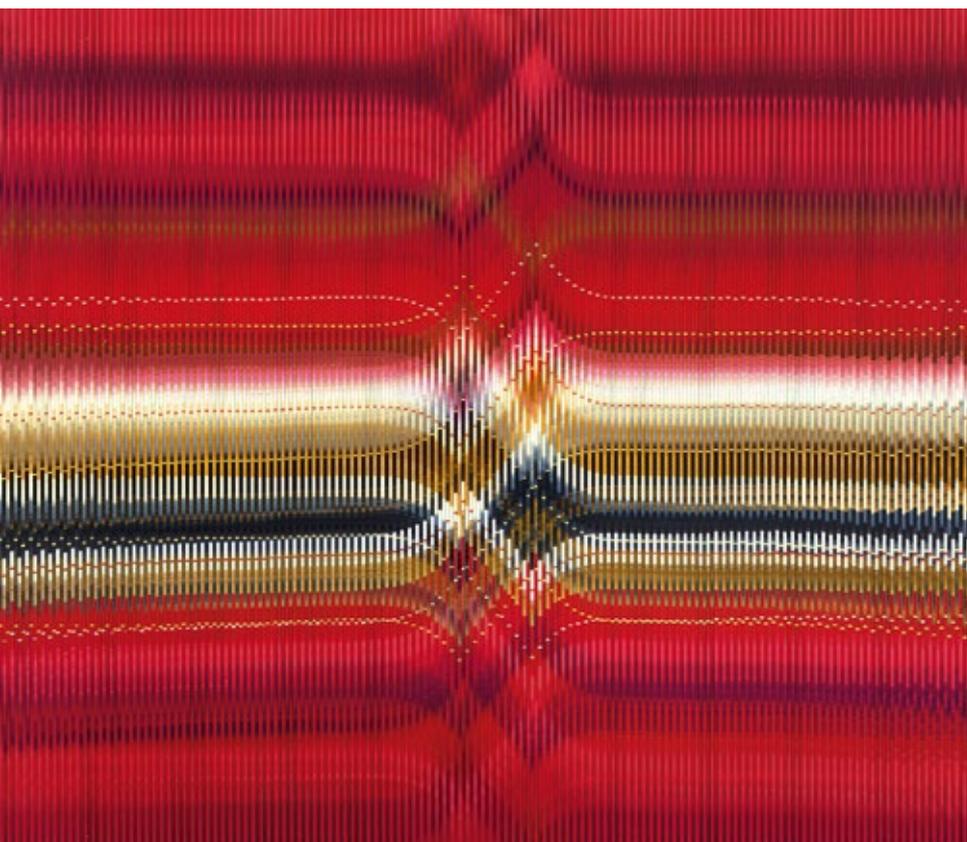
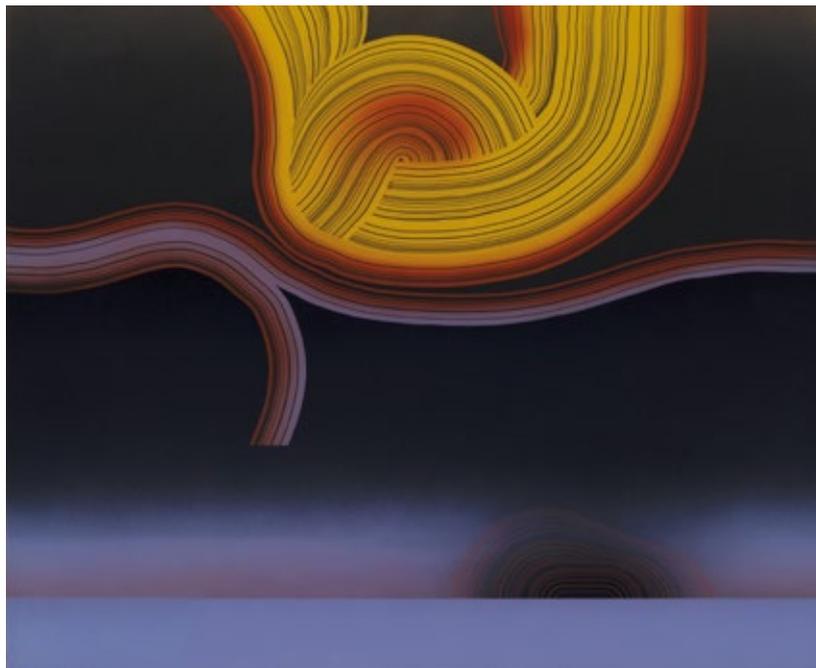


RELEVO PROGRESSIVO 1982 / CARTÃO DUPLEX E MADEIRA / 45 X 43,5 CM

ARTE CINÉTICA

O pioneirismo internacional em arte cinética, cujas fronteiras entre escultura e pintura se confundem e se ampliam, fez de Palatnik uma das mais importantes referências dessa corrente artística. Tudo começou em 1949, com as intensas pesquisas no campo da luz e do movimento e os projetos de máquinas em que a cor aparece se movendo. Em 1951, durante a 1ª Bienal Internacional de São Paulo, recebe menção honrosa do júri internacional, por seu trabalho Aparelho Cinecromático, pioneiro no uso de fontes luminosas artificiais na arte.

SEM TÍTULO 1959 / TINTA FRIÁVEL SOBRE VIDRO / 70 X 70 CM



W-H/96 2018 / ACRÍLICA SOBRE MADEIRA / 107,1 X 168 CM

O constante rigor matemático é muito presente em suas obras. Prova disso é o trabalho em Objetos Cinéticos, um desdobramento dos Cinecromáticos, que data da década de 1960. Nele, o artista cria esculturas de arame, formas coloridas e fios que, ao serem acionados por motores e eletroímãs, adquirem movimento. Palatnik tem como grande característica a reinvenção de sua arte.

“

EM 1954, INTEGRA O GRUPO FRENTE, COM O QUAL SE APROXIMA DA POÉTICA VISUAL DOS CONCRETOS E NEOCONCRETOS

”



SEM TÍTULO 2018 / RELEVO, TINTA ALQUÍDICA SOBRE ACRÍLICO / 70 X 80 CM

Por isso, durante a carreira, também se aventura no campo tridimensional, desenvolvendo peças em que campos eletromagnéticos acionam pequenos objetos colocados em caixas fechadas. Atualmente, Abraham Palatnik vive e trabalha no Rio de Janeiro, local onde continua criando e mostrando, a cada dia, o porquê do merecido reconhecimento.

SP-ARTE

PANORAMA DA
ARQUITETURA, DESIGN,
PERFORMANCE E ARTE



LEO ELOY PARA SP-ARTE/2018

Fazer de São Paulo um centro de referência para a arte brasileira e também polo cultural da América Latina. Foi com esse objetivo que, no ano de 2005, Fernanda Feitosa decidiu criar a SP-Arte. “Como colecionadora e apaixonada por arte, sempre procurei frequentar as melhores feiras que acontecem pelo mundo. Daí me veio o questionamento: Por que o Brasil não tem uma feira desse tipo?”, revela. Nos últimos anos, o mercado brasileiro viveu um momento de crescimento, profissionalização e internacionalização.

“

A SP-ARTE É TIDA COMO UM DOS PRINCIPAIS ESPAÇOS PARA O INTERCÂMBIO CULTURAL E ARTÍSTICO ENTRE CURADORES, COLECCIONADORES E ARTISTAS

”



LEO ELOY PARA SP-ARTE/2018

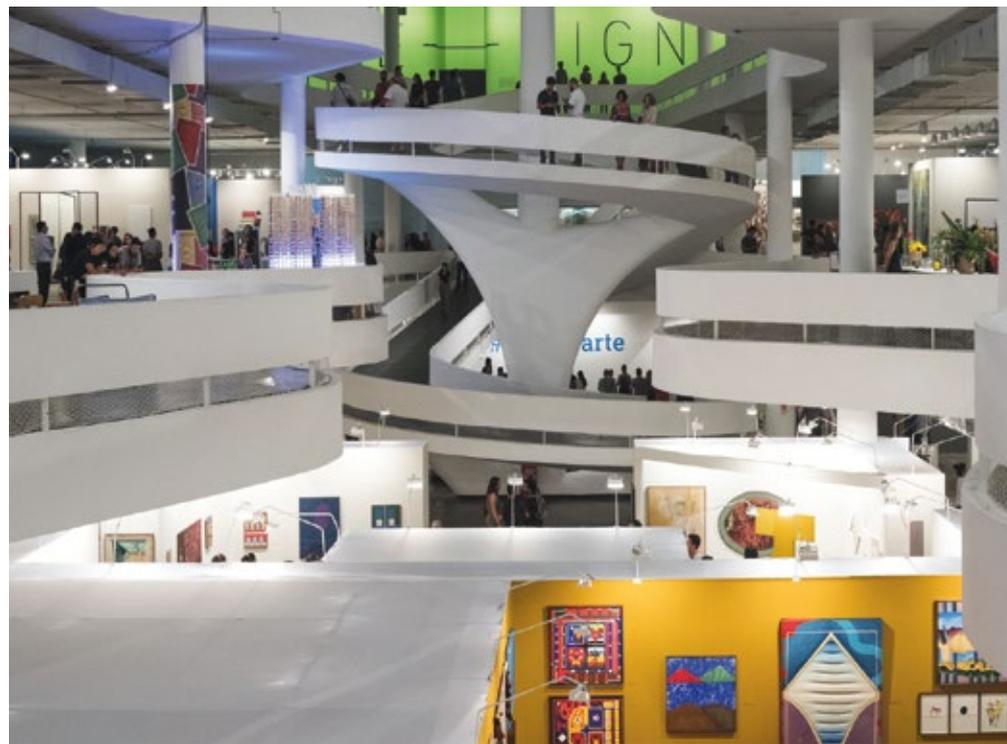


JÉSSICA MANGABA PARA SP-ARTE/2018

Além disso, de acordo com ela, é hoje um mercado maduro, com galerias atuantes, diálogo entre os diferentes atores (museus, galerias, colecionadores, artistas e curadores) e uma tradição de boa arte produzida por artistas reconhecidos tanto no Brasil como no mercado internacional. A cada nova edição, aclamadas galerias trazem mais de 2.000 artistas brasileiros e estrangeiros para se reunirem com museus e instituições culturais. Com o passar dos anos, a SP-Arte começou a mesclar arte, arquitetura e design. Sobre isso, a diretora da feira afirma: “A SP-Arte está sempre atrás de novidades no cenário cultural e faz anos que identificamos uma enorme proximidade entre a arte e o design. Resolvemos juntar tudo isso no mesmo espaço, afinal, sempre buscamos nos aproximar de nosso público”. Em 2016, a SP-Arte apresentou o setor Design e, em 2017, foi adotado o Projeto de Arquitetos, que

LEO ELOY PARA
SP-ARTE/2018

tem como intuito reunir peças de mobiliário assinadas por renomados arquitetos brasileiros, entre os quais: Lina Bo Bardi, Oscar Niemayer, Paulo Mendes da Rocha e Sergio Rodrigues. Em sua 14ª edição, que ocorreu entre os dias 11 e 15 de abril, o evento contou com a presença de criadores independentes no setor Design. “Nossa ideia foi justamente promover o design de profissionais independentes junto a um público amplo e formador de opinião”, reforça Feitosa. Outra novidade deste ano foi no setor Performance, que surgiu em 2015, fruto de uma parceria com o Centro Universitário Belas Artes. Conforme revelou a diretora, o setor



LEO ELOY PARA SP-ARTE/2018



JÉSSICA MANGABA PARA SP-ARTE/2018

ganhou espaço próprio e curadoria de Paula Garcia, colaboradora artística da Marina Abramovic. Foram cinco performances de longa duração e os artistas participantes permaneceram no local por todo o período do Festival. Para se ter ideia da grandiosidade e importância do evento, a SP-Arte chega a movimentar 300 milhões de reais em negócios e eventos indiretos - hotéis, restaurantes e transportes. E, sobre isso, Feitosa diz: “No último relatório International Fair Report, publicado em 2016 pelo veículo especializado The Art Newspaper, a SP-Arte surgiu como a única feira de arte do hemisfério sul citada entre as 40 mais relevantes do globo”, orgulha-se. Para 2019 (a 15ª edição ocorrerá entre os dias 3 e 7 de abril), Feitosa adianta: “Estamos preparando algumas novidades, como a chegada de novos curadores e novos setores. Ao longo dos próximos meses vamos divulgar mais detalhes”.



FERNANDA FEITOSA
DIRETORA DA SP-ARTE

DEVANEIO CRIATIVO

SOBRE OS ASPECTOS
TERAPÊUTICOS DA ARTE

LIA SANDERS

*El arte más poderoso de la vida es
hacer del dolor un talismán que cura
Una mariposa renace florida en
fiesta de colores*

Frida Kahlo

s primeiros métodos psicológicos de tratamento, surgidos no século XIX, incluíam psicoterapia verbal e a percepção da arte como expressão terapêutica útil ao tratamento de doentes mentais hospitalizados¹.

O psiquiatra alemão Johann Reil, uma das figuras mais influentes do período, criou um programa para o tratamento de pacientes psiquiátricos que utilizava trabalho, exercícios e arte para liberar as paixões ocultas que acreditava causarem os transtornos mentais ^{2,3}. Diversas definições de arteterapia foram propostas desde que o termo surgiu, no final da década de 1940. O artista Adrian Hill é reconhecido como a primeira pessoa a utilizar a expressão “arteterapia” para descrever a aplicação terapêutica da criação de imagens⁴. Hill descobriu os benefícios terapêuticos do desenho e da pintura enquanto se recuperava de uma tuberculose, e atribuiu o valor da



ESPERANÇA 70 x 50
ÓLEO SOBRE TELA / 2015

terapia artística ao fato de estar “absorvendo completamente a mente (assim como os dedos) ... [e] liberando a energia criativa inibida”. Nessa mesma época, nos Estados Unidos, a psicóloga Margaret Naumburg começou a utilizar o termo arteterapia para

descrever o seu trabalho nos Estados Unidos. Para Naumburg, arteterapia consistia em liberar o inconsciente por meio da expressão espontânea da arte, do deslocamento do sentido atribuído a pessoas do passado do paciente para a figura do arteterapeuta e

do incentivo à livre associação, um conceito estreitamente ligado à teoria psicanalítica⁵. Enquanto Naumburg entendia arteterapia como o uso da arte em terapia, Hill considerava a arte em si uma terapia, enfatizando o potencial de cura inerente à arte.



EMPATIA 80 x 100 / ACRÍLICA SOBRE TELA / 2016



A ARTETERAPIA DESENVOLVEU-SE AO LONGO DE DUAS VERTENTES PARALELAS: PSICOTERAPIA ARTÍSTICA E ARTE COMO TERAPIA



Desde então, a arteterapia desenvolveu-se ao longo de duas vertentes paralelas: psicoterapia artística e arte como terapia⁶. De onde, afinal, decorre a cura ou mudança terapêutica na arteterapia? Do próprio processo criativo, da natureza da relação estabelecida entre paciente e terapeuta ou, como muitos arteterapeutas argumentam, de uma síntese das variadas e sutis interações entre os dois⁷? Foi por meio da arteterapia que, em 1946, Nise da Silveira revolucionou a psiquiatria então praticada no Brasil. Nise criou ateliês de pintura e modelagem em um hospital psiquiátrico carioca, possibilitando aos pacientes

reatar os vínculos com a realidade através da expressão simbólica e da criatividade. Também no Rio de Janeiro, mais especificamente, em uma minúscula cela da Colônia Juliano Moreira, o paciente Arthur Bispo do Rosário criou, ao longo de 50 anos, bordados, *assemblages* e objetos de um universo todo peculiar. Em seu delírio, Bispo cumpria a missão que lhe sopraram os anjos: representar o que havia na

EVA 70 x 50 / ACRÍLICA SOBRE TELA / 2015



Terra para a criação de um novo mundo. Não seria a exata função do artista engendrar um universo particular? Ei-lo, no cerne da loucura: o devaneio que anima a arte!

ARTE & PSICANÁLISE

Para o psiquiatra e psicoterapeuta brasileiro Joel Birman, a psicanálise deve mais à literatura e à dramaturgia do que à ciência. De fato, diversas escolas psicanalíticas utilizam-se das artes para apoiar ou fundamentar teorias que muito têm a dizer sobre o processo criativo, a estética e a interpretação da arte. A pintura e o desenho desempenharam papel relevante no trabalho de muitos psicanalistas, incluindo Carl Jung (1969), Melanie Klein (1975) e Donald Winnicott (1971)⁸. Para Freud, os símbolos encontrados tanto nos sonhos como na arte expressavam desejos reprimidos, inconscientes e alguns aspectos da vida psicológica só poderiam ser representados através de símbolos⁹. O pai da psicanálise estava particularmente interessado no conteúdo psicológico da arte, com pouco apreço pela manipulação da linha, cor e forma na pintura. Podemos apenas especular sobre o desenvolvimento da arteterapia caso Freud tivesse pedido a seus pacientes que desenhassem seus sonhos¹⁰, em vez de dizer-lhe.

Na visão de Jung, o símbolo verdadeiro é uma ideia intuitiva que ainda não pode ser formulada de qualquer outra maneira¹¹. Jung acreditava que os aspectos mais fundamentais da vida psicológica encontram expressão através de imagens, que desempenham um papel mediador entre o consciente e o inconsciente. Através da pintura, pensamentos e sentimentos experimentados como incontroláveis ou caóticos poderiam ganhar forma e expressão. A relação ativa entre o artista/paciente e sua imagem seria mais importante que a produção de material inconsciente para interpretação por parte do terapeuta.

EFEITOS DA ARTETERAPIA

Hoje sabemos que intervenções de arte visual têm efeitos estabilizadores sobre o indivíduo, reduzindo a angústia e melhorando a qualidade de vida e a interação social¹². Um estudo de 2014 demonstrou que indivíduos que produziram arte visual ao longo de dez semanas apresentaram maior conectividade entre regiões cerebrais envolvidas na introspecção e automonitoramento quando comparados a indivíduos que apenas avaliaram cognitivamente obras de arte em museus¹³. Enquanto a ciência começa a compreender a arte através de seus mecanismos de ação cerebral, segue o fascínio ou, por que não, o devaneio da boa arte. *Lia Sanders é professora de Psiquiatria da Universidade Federal do Ceará e da Unichristus. Lia também pinta e escreve. Já participou de exposições em Fortaleza e em Berlim, onde morou por alguns anos. São de sua autoria o livro **Todo mundo tem direito a um segredo** (editora Substância, 2015) e as obras que ilustram este artigo.*



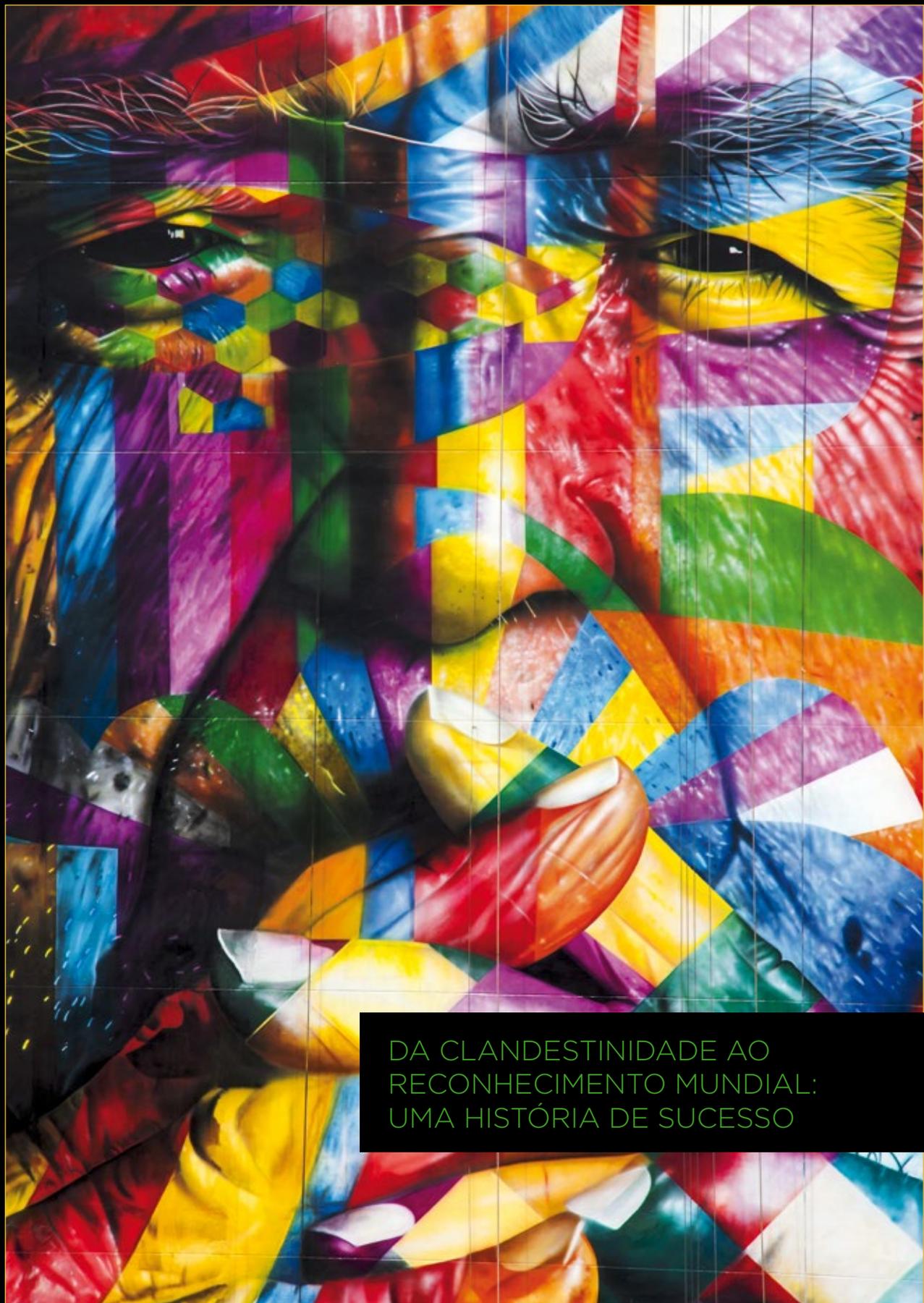
REFERÊNCIAS

1. MacGregor, J. M. The Discovery of the Art of the Insane. (Princeton University Press, 1989).
2. Michino, M. et al. Toward Understanding the Structural Basis of Partial Agonism at the Dopamine D3 Receptor. *J Med Chem* 60, 580-593 (2017).
3. Casson, J. J.W. Von Goethe and J.C. Rei: Theatre Therapy One Hundred Years Before Moreno. *Br. J. Psychodrama Sociodrama* 16, 118-127 (2001).
4. Hill, A. *Art Versus Illness*. (Allen and Unwin., 1948).
5. Ulman, E. Art therapy: Problems of definition. *Am. J. Art Ther.* 40, 16-26 (2001).
6. Waller, D. & Gilroy, A. *Ideas in Art Therapy*. (British Association of Art Therapists, 1978).
7. Schaverien, J. Analytical Art Psychotherapy: Further Reflections on Theory and Practice. *Int. J. art Ther. Inscape* 2, 41-49 (1994).
8. Edwards, D. *Art Therapy. Creative Therapies in Practice* (SAGE Publications, 2004).
9. Bateman, A. & Holmes, J. *Introduction to Psychoanalysis*. (Routledge, 1996).
10. Dalley, T., Case, C., Schaverien, J., Weir, F., Halliday, D., Nowell Hall, P. and Waller, D. *Art as Therapy*. (Tavistock Publications, 1984).
11. Jung, C. G. *The Collected Works of C.G. Jung*. (Routledge & Kegan Paul, 1969).
12. Geue, K. et al. An overview of art therapy interventions for cancer patients and the results of research. *Complement Ther Med* 18, 160-170 (2010).
13. Bolwerk, A., Mack-Andrick, J., Lang, F. R., Dörfler, A. & Maihöfner, C. How art changes your brain: Differential effects of visual art production and cognitive art evaluation on functional brain connectivity. *PLoS One* 9, 1-8 (2014).

EDUARDO KOBRA

EDUARDO KOBRA

OSCAR NIEMEYER 2013 / SÃO PAULO, BRASIL



DA CLANDESTINIDADE AO
RECONHECIMENTO MUNDIAL:
UMA HISTÓRIA DE SUCESSO

filho de um tapeceiro e de uma dona de casa, Eduardo Kobra é, atualmente, um dos mais expressivos e reconhecidos muralistas do mundo, com mais de 500 obras espalhadas pelo Brasil, além de trabalhos em 17 países. O garoto, nascido em 1975, em um bairro pobre da capital paulista, é a prova de que determinação e vontade de mostrar ao mundo seu talento podem, de verdade, fazer a diferença na vida de um artista. Na adolescência, Kobra viveu sua fase de rebeldia, como pichador, desenhando em muros totalmente na clandestinidade. Nos anos seguintes, porém, o então garoto problemático foi dando novo sentido a sua arte. Nos anos de 1990, pintava cenários de brinquedos, elaborava cartazes e criava imagens decorativas para diversos eventos. A arte urbana foi, na década seguinte, ocupando lugar de destaque. No ano de 2007, por meio do projeto Muro das Memórias, Kobra passou a reproduzir, em tons de sépia ou em preto e branco, imagens antigas da cidade de São Paulo.



O BEIJO 2012-2016 / NOVA YORK, ESTADOS UNIDOS



ETNIAS 2016 / RIO DE JANEIRO, BRASIL

A partir daí, uma sucessão de trabalhos de grande sucesso passou a fazer parte do portfólio do artista. Por incrível que pareça, Kobra é autodidata e, em várias entrevistas, afirma que aprendeu através da observação. Os norte-americanos Eric Grohe e Keith Haring, bem como o mexicano Diego Rivera foram alguns dos nomes que inspiraram seu trabalho. As causas sociais e a preocupação ambiental passa-

ram, com o tempo, a ser constantes em sua arte. Combate à pesca predatória, aquecimento global, desmatamento, exploração de animais em eventos como o rodeio e poluição da água foram alguns dos temas já abordados em painéis que continham uma imagem e uma frase forte e marcante de protesto. Para suas criações, ele realiza pesquisas constantes com materiais reciclados e novas tecnologias. A street art tridimensional foi outra vertente explorada por Kobra. De início, foi apresentada na Avenida Paulista, em São Paulo; depois disso, ultrapassou as barreiras geográficas e chegou a Dubai, à Europa e a vários eventos nos Estados Unidos. Com ateliê em São Paulo, Eduardo Kobra é nome certo quando citamos artistas brasileiros que venceram o preconceito e conseguiram, com carisma e talento, conquistar o mundo.



DALÍ 2017 / MURCIA, ESPANHA

UM POUCO MAIS DE EDUARDO KOBRA

MUROS DA MEMÓRIA – Retrata cenas da cidade de São Paulo na primeira metade do século XX.

GREEN PINCEL – A série apresenta, do ponto de vista do artista, questões importantes para a continuidade da vida saudável e sustentável no nosso planeta.

TELAS – São estudos, em escala reduzida, que o artista desenvolve antes de levar seus trabalhos gigantescos a muros e prédios das cidades.

3D – São pinturas que, apesar de parecerem sem sentido vistas de determinadas posições, a partir do momento em que o ângulo correto é encontrado, se transformam em trabalhos repletos de profundidade, movimento e realismo.

BELEZA IMORTAL

E FELICIDADE COMPARTILHADA

ISAAC FURTADO



A beleza imortal é um conceito que vai além da estética corporal.

O anseio fáustico da eterna juventude nos limita apenas à beleza física, em que todos querem ser sempre jovens e belos.

Essa beleza é uma grande aliada na busca da felicidade, mas até certo ponto, pois ela se restringe ao ser material. Existem várias maneiras de ser feliz: por meio de uma cirurgia plástica estética, na ajuda ao próximo ou na busca do autoconhecimento. Quando essa felicidade envolve mais de uma pessoa, começamos a vislumbrar a beleza imortal. Logo, essa beleza imortal é a felicidade compartilhada, e isso pode representar uma palavra bem pequena – amor. O legado deixado para a humanidade através do ato de amor, seja ele por meio de um livro escrito, um quadro pintado, ou simplesmente a educação que você ofereceu para os seus filhos, é o que existe de mais sólido. Quando um artista fala de beleza imortal, todos lembram logo de uma obra de arte. Aquela tela que está no museu e é visitada por milhares de pessoas,

durante anos ou até séculos. Quando um cirurgião plástico fala de beleza imortal, todos pensam logo naquela senhora que já fez vários procedimentos e cirurgias estéticas que driblam o tempo. Porém, uma obra de arte pode ser perdida em um incêndio, e o tempo não pode ser enganado para sempre. Então, quando falamos da beleza imortal, nos remetemos a um conceito atemporal e imaterial. Mesmo sabendo que a beleza, conforme Thomas Mann, em seu livro *Morte em Veneza*, é a única virtude que pode ser vista. A beleza, muito além da percepção material, é uma atitude, uma prática que devemos exercitar através da contemplação da natureza, da meditação, ou da admiração da arte. A arte é o caminho mais fácil para compreendermos o que é a beleza imortal. Seja ela antiga, clássica ou contemporânea; escrita, assistida ou ouvida. A arte é uma comida que alimenta apenas a mente, é algo sem função aparente, que apenas precisa ser admirado. A arte é um grito de contestação diferente.

“

A BELEZA, MUITO ALÉM DA PERCEPÇÃO MATERIAL, É UMA ATITUDE, UMA PRÁTICA QUE DEVEMOS EXERCITAR

”



JOSÉ CARLOS PONTES
PRESIDENTE DO
GRUPO MARQUISE

TRAÇOS NO CONCRETO

△ Engenharia civil possui números, formas, cálculos, e, por isso, aparentemente, diríamos que é uma ciência exata, mas, anda longe de ser uma ciência fria. Ela consegue, em suas formas, imprimir uma das essências mais humanas: a arte, o belo. Pesa sobre cada traço a funcionalidade do que se pretende construir, cada prédio abriga pessoas, e é justamente por isso que tem uma carga de sentimentos. Desde que o homem deixou de ser nômade e passou a construir o seu abrigo em busca de conforto que se procura algo além disso, procura-se algo visivelmente belo para os olhos e, por quê não dizer, até para o ego. O belo está inserido na construção civil há muitos anos. Desde os povos antigos que ainda hoje impressionam pela pujança de suas construções como os Templos Romanos e as Pirâmides do Egito, onde se misturam engenharia, história, arte e cultura. Através dos traços arquitetônicos, podemos entender o que diz a cultura de cada período. Por exemplo, no final do século XIX, ainda sob o efeito do movimento europeu da Belle Époque, nossos prédios eram cheio de detalhes, vigorando o estilo do ecletismo. Era uma imitação do que era feito na França, por exemplo. Isso aconteceu em vários centros urbanos no Brasil, inclusive Fortaleza. Mas, veio a Semana da Arte Moderna, em 1922, e não impactou apenas nas artes, o pensamento de liberdade criadora e da ruptura chegou na arquitetura e na engenharia, onde procuramos imprimir um estilo próprio, com traços mais leves e funcionais nas nossas construções - chegamos, mais a frente, ao modernismo. As artes, assim como a construção civil, são expressões das pessoas, falam sobre um determinado período, estão em constante movimento. Os empreendimentos imobiliários do Grupo Marquise acompanham essa evolução e, um dia, contarão a história dessa época que estamos vivendo.

“

AS ARTES, ASSIM COMO A CONSTRUÇÃO CIVIL, SÃO EXPRESSÕES DAS PESSOAS, FALAM SOBRE UM DETERMINADO PERÍODO, ESTÃO EM CONSTANTE MOVIMENTO

”



A ARTE DE
CONTAR A
HISTÓRIA
DO BRASIL

VISITE A EXPOSIÇÃO

DA TERRA BRASILIS À ALDEIA GLOBAL

COLEÇÃO FUNDAÇÃO
EDSON QUEIROZ
UNIFOR – 45 ANOS

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR
ENTRADA GRATUITA

TERÇA A SEXTA,
9H ÀS 19H
SÁBADOS E DOMINGOS,
10H ÀS 18H
WWW.UNIFOR.BR

AV. WASHINGTON SOARES, 1321
EDSON QUEIROZ, FORTALEZA|CE



Apresentado por



minaíba

Patrocinado por



Galeria
Emiliano

Pinturas
e Gravuras



Shopping RioMar Fortaleza | 2° Piso
(85) 99114.4114